

Scriptorium

volume 3
Agosto de 2012

Scriptorium



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE BIBLIÓFILOS

Editor
Lúcio Alcântara

Editor-Adjunto
Sílvia Furtado

Colaboração
Regina Pamplona Fiuza

Tradução
Hamilton Moura Ribeiro

Revisão
Lucas Carneiro

Projeto Gráfico
Dirceu Ximenes

Editoração Eletrônica
Gilberlânio Rios

Impressão
Expressão Gráfica e Editora Ltda.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S434s Scriptorium / Associação Brasileira de Bibliófilos. - Fortaleza, v.1, n.1,
2009 - Anual.
v.1. 23cm.

2012, v.3, n.3

1. Bibliofilia - Periódicos. I. Associação Brasileira de Bibliófilos.

ISSN 2175-2672

CDU : 090.1(05)



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE BIBLIÓFILOS

Presidente

José Augusto Bezerra

Vice-Presidente

Antônio de Pádua Lopes de Freitas

Primeiro Secretário

Regnoberto Melo

Segundo Secretário

João Soares Neto

Primeiro Tesoureiro

Antonino Fontenele de Carvalho

Segundo Tesoureiro

Gizela Nunes da Costa

Diretora-Geral

Regina Pamplona Fiúza

Diretora Cultural

Angela Gutiérrez

Diretora de Restauração

Magnólia de Carvalho Serrão

Diretor de Publicação

Lúcio Gonçalo de Alcântara

Associação Brasileira de Bibliófilos

Rua do Rosário, 1

Palácio da Luz - Sede da Academia Cearense de Letras

Centro - Fortaleza - CE - 60005-590

Tel: 85 3253-4275

Livros, bibliotecas e viúvas

Com indesejável atraso surge o terceiro número de “Scriptorium.” Ainda não foi desta vez que as dificuldades nos venceram. A receptividade alcançada pela revista estimula o esforço necessário à sua continuidade. Esperamos não venha a perecer diante dos óbices a enfrentar a cada edição.

O presente volume traz um conteúdo robusto, assinalando a participação de antigos e novos colaboradores, com predomínio de matérias sobre livros, o que constitui o foco da publicação.

Fala-se do nascimento dos livros, do colosso das novas bibliotecas que se vão erguendo mundo afora e da pressa com que outras são desfeitas nas mãos apressadas de viúvas. Há crítica literária a cargo de especialistas que visitam obras de renomados autores, um universal, outro local e ainda a contribuição de um estudioso que recupera a importância de um ilustrador para a história editorial brasileira. Por último, a infalível presença da poesia, não fôssemos nós um país de poetas, e de poetisas, como exigem os defensores da explicitação de gêneros, aqui bem representados em expressiva manifestação telúrica.

Se livros chorassem certamente derramariam lágrimas pela perda do amigo José Alves Fernandes, companheiro nesse culto do livro desde a primeira hora. Muita falta nos fará o filólogo professor e profundo conhecedor dos clássicos, simples como só os muito sábios sabem ser. Partiu sem ver publicado seu dicionário cronológico, em cuja elaboração empenhou parte substancial de sua vida. Fazê-lo é o que nos cabe agora, pela língua portuguesa.

Pela primeira vez a revista traz um resumo de cada artigo inclusive com versão em inglês o que contribui para aprimorar a publicação, além de um encarte para apresentar o leitor.

Lúcio Alcântara

Editor

Books, libraries and widows

Despite the undesirable delay here comes the third issue of “*Scriptorium*”. Once again we were not defeated by difficulties, and the responsiveness attained by the magazine encourages us in our efforts to continue it. Hopefully it will not come to an end in face of the obstacles posed at every issue.

The present issue brings a robust content that indicates the participation of old and new collaborators with a predominance of articles about books, which is the focus of the publication.

We talk about the birth of the books, the colossus of the new libraries that are being built around the world, and the rush with which others are dismantled in the hasty hands of widows. There is literary criticism under the responsibility of experts who visit the works of renowned authors, a universal and a local one, and there is also the contribution of a scholar who recovers the importance of an illustrator for the Brazilian publishing history. Finally, the unfailing presence of poetry, since we are a country of poets, and poetesses, as required by the advocates of gender explicitness, well represented here in a significant telluric manifestation.

If books could cry, they would certainly shed tears for the loss of our friend José Alves Fernandes, our partner in this cult of the book from the very first hour. The philologist, professor and expert in the classics will be deeply missed, a man who was as simple as only the extremely wise men know how to be. He left us without having seen his chronological dictionary published, in the elaboration

of which he engaged a substantial part of his life. It is for us to finish it, for the Portuguese language.

For the first time the magazine has an abstract of each article, including an English version which contributes to enhance the publication, as well as a booklet as a gift to the reader.

Lúcio Alcântara

Editor-in-chief

Sumário

Livros, bibliotecas e viúvas 9

Lúcio Alcântara

Histórias e estórias de livros 13

Lúcio Alcântara

Como nascem os livros? 19

Álvaro Beleza

Museus do livro - praça de ideias 25

**Bibliotecas novas, na Europa e no Brasil, no país do futuro
(Comentário)**

Ingrid Schwamborn

Viúvas biblioclastas 35

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

Meu sonhado ex-líbris 39

Ana Miranda

O livro 43

Pedro Paulo Montenegro

Nascimento de um bibliófilo: minha coleção de primeiras edições dos livros de Stefan Zweig 47

Holger Naujoks

Poeta e poetisa 57

Sânzio de Azevedo

A mulher e o mar 63

Fernanda Quinderé

Darel ilustrador 75

Oto Dias Becker Reifschneider

Leitura de exercícios de utopia 93

Linhares Filho

A volta do parafuso (Henry James) 99

Regina Pamplona Fiúza

Martelo 106

Virgílio Maia

Contents

Books, libraries and widows 11

Lúcio Alcântara

Histories and stories of books 13

Lúcio Alcântara

How are books born? 19

Álvaro Beleza

Book museums – square of ideas 25

New libraries, in Europe and Brazil, in the country of the future

(Comment)

Ingrid Schwamborn

Biblioclast widows 35

Marcelo Gurgel Carlos da Silva

My dream ex-libris 39

Ana Miranda

The book 43

Pedro Paulo Montenegro

The birth of a bibliophile: my collection of first editions of Stefan Zweig's books 47

Holger Naujoks

Poet and poetess 57

Sânzio Azevedo

The woman and the sea 63

Fernanda Quinderé

Darel illustrator 75

Oto Dias Becker Reifschneider

Reading of utopia exercises 93

Linhares Filho

The turn of the screw (Henry James) 99

Regina Pamplona Fiúza

Hammer 106

Virgílio Maia

Histórias e estórias de livros

Histories and stories of books

*Lúcio Alcântara*¹

Na primeira parte do artigo *Histórias e estórias de livros* intitulada “A nave dos loucos”, o autor trata da produção de livros no Brasil e no mundo. Na segunda, “Vingança poética”, da persistência dos escritores em terem suas obras publicadas.

In the first part of the article “*Histories and stories of books*” called “*The ship of the insane*”, the author talks about the production of books in Brazil and worldwide. In the second part, “*Poetic vengeance*”, he talks about the persistence of writers to have their books published.

A NAVE DOS LOUCOS

THE SHIP OF THE INSANE

A produção de livros no Brasil e no mundo não cessa de crescer, o que torna impossível acompanhar o que se publica. Diz-se que grande leitor é o que se angustia diante do que há por ler, quando contempla o acervo de uma biblioteca ou o estoque de uma livraria.

O fenômeno não é novo. Almada Negreiros, em “*Invenção do dia claro*” evoca o desabafo de uma criança para sua mãe: “*Entrei numa livraria. Pus-me a contar os livros que há para ler e os anos que terei de vida. Não chegam, não duro nem para a metade da livraria. Deve certamente*

¹Lúcio Alcântara é médico e escritor. Membro da Academia Cearense de Letras e da Associação Brasileira de Bibliófilos.

haver outras maneiras de se salvar uma pessoa, se não, estou perdido.”²

Em tempos ainda mais recuados, o assunto incomodava colecionadores de incunábulo. Data do século XV a gravura sobre a “inutilidade dos livros” que está na obra “A nave dos loucos”, de Sebastian Brant (Basileia, 1497) atribuída ao grande ilustrador Dürer.

Página da edição latina da *Nave dos Loucos*, de Sebastian Brant (Basileia, 1497)



Inutilitas librorum.

Qz si quis pcurre re omnes scriptores cupiat: opprimetur tum librorum multitudine tum diuersa scribentium varietate: vt haud facile verum possit elicere. Distrahit eni librorum multitudine Et faciendi libros plures non est finis.

Trata-se de uma sátira iconográfica que vem acompanhada do seguinte texto:

“Se alguém desejar percorrer todos os escritores ver-se-á esmagado, não só pela multidão dos livros, mas tam-

² ANSELMO, Artur. Livros e Mentalidades. Lisboa: Guimarães, 2002.

bém pela divergência de opiniões entre os seus autores, a tal ponto que não será fácil extrair deles a verdade. É que a profusão de livros divide e não acaba nunca o fabrico “de livros de toda espécie”.³

Era o temor inspirado pelos livros, que ainda inspiraram a alguns, por veicularem informações e disseminarem o conhecimento. Não por acaso, ao longo da história da humanidade, milhões de livros têm sido destruídos em nome da intolerância política, étnica e religiosa.

Quando ardem os livros, ardem em seguida as pessoas. O holocausto das ideias antecede o holocausto humano. Foi assim na inquisição e na Alemanha nazista.

VINGANÇA POÉTICA

POETIC VENGEANCE

São muitos os exemplos de escritores consagrados que antes de a fama chegar bateram em vão às portas de editoras. Persistentes, não recuaram diante das negativas, até que se abrisse uma porta a reparar enganos anteriores.

Edward Estlin Cummings, o poeta e.e. cummings, foi um desses casos. Em 1935, ele publica, a expensas da mãe, após a recusa de treze editoras, “No Thanks”, livro de poemas. O volume, dedicado às editoras, traz um poema em forma de cálice no qual figuram os nomes de todas elas. Para completar a ironia, havia uma Coward e a Harcourt Brace que viria a editar sua obra. Então, aos 41 anos de idade, Cummings tinha dificuldade em encontrar editor para seus poemas.

As inovações gráficas por ele introduzidas eram mal percebidas até pelos que o apoiavam, os quais, no dizer de Augusto de Campos, “não sabiam nem o que fazer com

³ ANSELMO, Artur. Livros e Mentalidades. Lisboa: Guimarães, 2002.

ele.”⁴ Já seus detratores, não economizavam contundência. Um desses chamou-o de “inventor da ginástica pontuacional” e outro o comparava, em um artigo intitulado “O que são eles – poemas ou puzzles?”, a um “tipógrafo bêbado”⁵.

TO

**Farrar & Rinehart
Simon & Schuster
Coward-McCann
Limited Editions
Harcourt, Brace
Random House
Equinox Press
Smith & Haas
Viking Press
Knopf
Dutton
Harper’s
Scribner’s
Covici, Friede**

Inobstante os atrevimentos tipográficos, os textos guardam a consistência do discurso poético. É o que observou Adolfo Casais Monteiro ao afirmar que o poeta “desmembra, desfibra, deforma, mas nunca “perde” a(s) palavra(s).”⁶

⁴ CUMMINGS, E. E. 20 poemas. Trad. e intr. Augusto de Campos. Ilha de Santa Catarina: Noa Noa, 1979.

⁵Ibidem.

⁶ CUMMINGS, E. E. xix poemas. Lisboa: Assírio e Alvim, 1991.

Cummings, como todo inovador, dividiu opiniões, até entre os que o admiravam, mas não resistiam em dissociar o conteúdo da forma, tal T. S. Eliot e Blackmur, para aplaudirem um e detestarem o outro. Para além dos editores, talvez merecessem também um *não, obrigado* do homem que não se deixou vender, anunciado em um de seus poemas:

minha especialidade é viver – era a legenda
de um homem (que não tinha renda
porque não estava à venda)

olhar à direita replicaram num segundo
dois bilhões de piolhos púbicos do fundo
de um par de calças (moribundo)

Como nascem os livros?

How are books born?

*Alvaro Beleza*¹

Este artigo trata do desenvolvimento do livro, enquanto objeto, abordando o trabalho do profissional de *design* do livro, e conceituando algumas questões relevantes para o projeto gráfico de publicações, como tipografia, legibilidade, leituraabilidade e produção gráfica.

This article is about the development of the book as object, addressing the work of the professional book *designer*, and conceptualizing some issues relevant to the graphic *design* of publications, such as typography, legibility, readability and graphic production.

“Infelizmente um livro bem projetado só é reconhecido por uma seleta minoria. A imensa maioria dos leitores terá apenas uma vaga noção dessas qualidades excepcionais. Mesmo sendo visto só de fora, um livro verdadeiramente belo não pode ser uma novidade. Ao contrário, deve se afirmar como simples perfeição.”

— Jan Tschichold (1902–1974)

Designer de livros e tipógrafo alemão

Como nascem os livros? A resposta pode parecer simples: os livros nascem das primeiras palavras do autor. Mas, nesse caso, estamos tratando do objeto livro. Sua cadeia produtiva, dependendo das exigências, pode ser mais ou menos complexa. Entre os vários profissionais que podem estar envolvidos na publicação de um livro encontra-

¹ Alvaro Beleza é *designer* gráfico, professor de Tipografia da Faculdade 7 de Setembro e sócio da La Barca Editora.

se o *designer* gráfico, responsável pelos aspectos visuais da obra: o projeto gráfico.

Agora, permita-me um outro rumo: como nascem as casas? O arquiteto, por encomenda de um cliente, faz o projeto de uma casa, que deverá ser construída sob a supervisão de um engenheiro. Sabemos quão importante é o trabalho do arquiteto para que tenhamos uma casa bem dividida, bem iluminada, arejada e, claro, bonita. O engenheiro deve ser igualmente competente para garantir que o projeto arquitetônico seja cumprido e que a construção não traga nenhum risco aos futuros moradores.

Livros e casas? Bem, o *designer* trabalha como um arquiteto: um livro deve ser projetado como uma casa a ser construída de papéis — ou bits — e letras, e tal estrutura deve oferecer segurança e conforto para o leitor, que ali permanecerá por algum tempo. Um livro mal projetado causará desprazer ao seu “morador” e trará imenso prejuízo ao conteúdo, podendo, inclusive, ser abandonado.

O *design* do livro começa com o envolvimento entre o *designer* e o conteúdo. Uma conversa com o escritor é muito bem vinda para o início dos trabalhos, pois ele poderá trazer mais informações, inclusive aquelas que estão nas entrelinhas.

O objetivo geral é dar suporte à mensagem do autor para que ela seja transmitida da melhor forma ao leitor, utilizando a linguagem gráfica como ferramenta. Por meio dela, será estabelecida uma série de determinações adequadas àquela obra, como, por exemplo, o tamanho do livro, a largura das margens, a forma das letras utilizadas no texto. Arrisco-me a dizer que este último item é o mais importante e tem ação sobre a maioria das decisões. É o que chamamos tipografia. Tipografia não eram somente

aquelas antigas gráficas que trabalhavam com tipos móveis. O termo também designa a prática de se “desenhar” letras — as fontes, em nossos computadores —, bem como a de utilizá-las. É aqui que estamos.

É na prática tipográfica que determinamos as fontes que serão utilizadas no livro. Para o leigo, podem parecer todas iguais, mas cada uma traz características que chegam ao leitor mesmo que subliminarmente. Há fontes criadas para jornais, fontes para livros, fontes para textos longos, fontes para textos curtos, fontes para serem lidas à distância, fontes que sorriem, fontes que são sisudas; são critérios importantes que devem ser levados em consideração para que a escolha seja adequada àquele conteúdo e àquele fim. Além da escolha das fontes, que nem podem ser tantas, o *designer* também determinará o seu tamanho, o comprimento das linhas e a distância entre elas. Linhas muito compridas exigem maiores distâncias entre si. Linhas muito curtas podem ter distâncias menores. Entretanto não devemos abusar. O poeta, *designer* de livros e tipógrafo norte-americano Robert Bringhurst (1946–), em sua “bíblia” *Elementos do Estilo Tipográfico*², indica que “a linha de 66 caracteres — contando letras e espaços — é geralmente considerada ideal”. Estas são algumas de nossas preocupações.

Temos como finalidade criar um ambiente confortável para o leitor e ali nada pode incomodá-lo, senão o próprio conteúdo — repito: o próprio conteúdo. Para a maioria dos livros, o trabalho do *designer* deve ser discreto e o projeto gráfico não pode brigar ou se sobressair ao texto. Beatrice Warde (1900–1969), historiadora da tipografia, em seu famoso discurso proferido, em 1932, à Asso-

² BRINGHURST, Robert. *Elementos do Estilo Tipográfico*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

ciação dos *Designers* Tipográficos de Londres, comparou a tipografia a uma taça de cristal: o apreciador de vinho vai preferir degustar a bebida em uma taça de cristal em vez de numa taça de ouro ornamentada, por mais bela e rica que possa parecer. A taça de ouro comportaria a bebida tanto quanto a taça de cristal, mas esta cumpriria melhor o propósito: a de revelar “aquela coisa bela que ela está destinada a conter”. Como forma de auxiliar nosso trabalho, devemos nos ater a dois conceitos: legibilidade e “leiturabilidade”. De acordo com o novíssimo “Cómo crear tipografías”³, legibilidade é o grau de reconhecimento dos caracteres de uma determinada fonte e, “leiturabilidade”, é o grau de conforto que o leitor experimenta durante o processo de leitura. Uma fonte com boa legibilidade evitará com que confundamos, por exemplo, a letra “c” com a letra “e” ou o número 3 com o número 8. Um projeto com boa “leiturabilidade” proporcionará uma leitura contínua e prazerosa. Uma fonte de boa legibilidade nem sempre corresponde a um projeto de boa “leiturabilidade”. Se o projeto trazer uma fonte muito condensada, embora legível, ou as linhas ou letras muito próximas entre si, o grau de “leiturabilidade” será afetado, o que prejudicará o conforto do leitor. É nessa situação que o leitor, leigo em questões gráficas, perceberá a presença de um projeto. Mal feito, pois o trabalho do *designer* deveria ser discreto. Na capa, entretanto, outras regras devem ser seguidas.

Mas, e o engenheiro? Podemos dizer que o engenheiro é o consultor ou o gerente de produção da gráfica. Ele poderá ajudar o *designer* a tomar algumas decisões, apresentar novas soluções de acabamento, novos papéis e, ainda, garantir que o livro seja produzido conforme as

³ HENESTROSA, Cristóbal; MESEGUER, Laura; SCAGLIONE, José. *Cómo crear tipografías: del boceto a la pantalla*. Madrid: Tipo e, 2012.

especificações do *designer* e com a melhor qualidade. A escolha de uma boa gráfica é muito importante, pois uma impressão ruim e um acabamento de má qualidade podem arruinar um bom projeto gráfico.

Aproveito para ressaltar que um bom projeto gráfico não salva um texto pobre, mas um projeto gráfico inconsistente prejudicará a leitura de um bom texto definitivamente, ou até que a editora ou o autor tenha a possibilidade de fazer um novo investimento e começar tudo do zero.

Museus do livro¹

(Inaugurados recentemente na Suíça, na Alemanha, em Alexandria e projetos mundiais, 2011)

Book Museums

Tradução: Ingrid Schwamborn²

Nesta reportagem, os autores descrevem as novas bibliotecas, suas construções criativas, supermodernas, e instalações digitais, bem como as intenções dos arquitetos e patrocinadores. Assim, as bibliotecas novas estão se tornando uma “praça de ideias”.

In this report, the authors describe the new libraries, their super modern and creative constructions, digital facilities as well as the architects and sponsors' intention. In this manner, libraries are becoming a “square of ideas”.

PRAÇA DE IDEIAS

SQUARE OF IDEAS

Justamente na era da digitalização, estão sendo construídas muitas bibliotecas. Centros de divertimentos multimídias estão sendo criados nestes prédios futuristas.

O prédio situado na margem norte do lago de Genebra parece estar vagando como uma nuvem. A nova bi-

¹ MUSA, Bernd; SCHMUNDT, Hilmar in © Der Spiegel/ Distributed by The New York Times Syndicate.

² Ingrid Schwamborn é professora aposentada, mora em Bonn e Fortaleza, tem trabalhos publicados sobre Stefan Zweig no Brasil, traduziu O Quinze e Iracema, coordenou, junto com Maria Elias Soares e José Augusto Bezerra, a edição bilíngue português-alemão sobre os compositores Haydn e Neukomm no Rio de Janeiro.

biblioteca da Escola Superior de Tecnologia de Lausanne é um cubo futurístico de vidro e concreto. No Rolex Learning Center (nome oficial da Escola), foram reunidas dez bibliotecas de várias faculdades para um novo centro de leituras. A “decoreba” solitária entre estantes de aço é coisa do passado. A biblioteca do futuro procura ser uma praça de ideias.

A diferença em relação às salas de leitura clássicas já se observa na entrada. Vitrines com bugigangas eletrônicas da firma Logitech estão posicionadas. Pendurados nas paredes estão os relógios Rolex superdimensionados – uma gentileza para agradar aos patrocinadores.

Em uma cafetaria, estão sendo oferecidos *croissants* fresquinhos e jornais em língua inglesa, francesa, árabe e chinesa. Numa loja de livros, vendem-se as aventuras de “Tintin e Milue” e cartões postais bregas. Há ainda um restaurante exclusivo.

As rampas, onduladas como pistas de esqui e que fazem curvas sinuosas para cima e para baixo, rompem as barreiras de acesso tradicionais. As janelas se abrem automaticamente quando o ar fica abafado demais e pardais se apropriam do espaço, voando entre as almofadas coloridas, nas quais os estudantes cochilam ou conversam. Sob as lâmpadas do *designer* Artemide, casais namoram.

Apenas livros se veem raramente aqui. Estudar e aprender não são maçantes, mas um prazer. É a mensagem sugerida aos visitantes.

“Nunca foram fundadas e construídas tantas bibliotecas”, diz Winfried Nerdinger, professor de história da arquitetura, que organizou em Munique uma exposição sobre o passado e o futuro das bibliotecas com o título “A sabedoria é a construção de uma casa”.

As bibliotecas do novo século muitas vezes são construções de prestígio que relembram catedrais, criadas para demonstrar a capacidade de uma cidade para enfrentar o futuro. No catálogo dos arquitetos destas construções espetaculares, observa-se um *who is who* da arquitetura. No catálogo da exposição de Munique, por exemplo, está escrito: “Herzog & de Meuron criaram em Cottbus um favo de abelha ondulado como uma ameiba, com uma arquitetura de interior em cor de bombom; Santiago Calatrava construiu uma nova biblioteca em Zurique; Zaha Hadid em Viena; Rem Koolhaas em Seattle; Toyo Ito em Tokio”.

Também na China existe uma superbiblioteca moderna. Em Pequim, arquitetos alemães projetaram uma extensão vertical onde se encontra a biblioteca nacional. O fundamento em vidro quase não é reconhecido como apoio, a forma do teto lembra um grande disco rígido de computador. O prédio oferece espaço para 12 milhões de livros.

O Casaquistão espera ganhar prestígio com uma nova biblioteca nacional. A construção em Astana se assemelha a uma fita de Moebius infinita. Uma “Fata Morgana” bibliófila, financiada pelos *royalties* das vendas de petróleo e gás da antiga República Soviética.

É uma tendência paradoxal, não sem ironia. Na realidade, o livro clássico deveria ser abolido pela digitalização. A loja *online* americana Amazon já vende mais livros digitalizados do que impressos. Isto não fica sem consequências para as novas bibliotecas: os depósitos de livros estão se tornando pontos de encontro multimídia.

A biblioteca Rolex é o exemplo de uma mudança radical das bibliotecas nos moldes clássicos em direção a uma espécie de “centros de diversão”. Mais aberta não poderia ser, senão logo se tornaria um parque de diversões.

“Nós construímos aqui algo como uma Disneylândia do saber”, diz David Aymonim, o homem que dirigiu a construção do Center Rolex, com um sorriso irônico. “Nós, os bibliotecários, estamos mais em função dos usuários do que dos livros, como era antigamente”.

A digitalização dos livros e o tempo de estudos mais curtos exigem a construção de um novo tipo de biblioteca, frisa Aymonin. “Muitos estudantes passam uma grande parte do dia aqui, por isto nós estamos satisfazendo muitas de suas necessidades básicas : comida, descanso, compras e, naturalmente também, o acesso aos livros”. Sobre tudo nos períodos de provas, está se duplicando a procura por livros, comida e café.

A abdicação às salas de leitura, como nos mosteiros, também tem seu lado negativo. Toda hora aparecem turistas tirando fotos do prédio, para dar uma olhada para o futuro. Completa Aymonin: “Às vezes, a gente se sente como em um jardim zoológico”.

Se o Rolex Center é o cúmulo de uma biblioteca extrovertida, o Centro Grimm da Universidade de Berlim é o modelo contrário: introspecção, tranquilidade, concentração. O ponto alto é uma sala de leitura com terraço e 300 estações de trabalho *wi-fi*. Cem janelas estreitas lembram a organização simétrica de uma estante cheia de livros, colocados em uma boa ordem rígida.

Outra biblioteca introvertida vai ser inaugurada em poucos dias em Stuttgart. A biblioteca da cidade oferece um jogo elegante de formas – por fora é um quadrado e por dentro um cilindro. Os críticos estão dando nomes pejorativos como “*bunker* alto” e “Stammheim II” - nome do famoso presídio onde foram presos e mortos os jovens Baader e Meinhof.

Mas o arquiteto responsável, o coreano do sul Eun Young Yi, não se irrita. Ele alega que o homem precisa

mais do que da diversão dos espaços comerciais. E fez ainda mais: no meio do seu prédio colocou um espaço completamente vazio: “espaço do silêncio”.

Os autores da biblioteca alexandrina também estão seguindo um caminho radical. No lugar, onde há cerca de 2000 anos a mais importante coleção do saber da antiguidade pegou fogo, foi criado um palácio moderno e *hightech*. “*We are born digital*”, diz o diretor Isamil Serageldin.

Livros impressos quase não têm mais importância na Biblioteca de Alexandria. Seus tesouros não estão mais colocados nas estantes, mas em um “servidor”: ela agora é o auge da ideia de uma biblioteca digital.

Antes, o diretor da biblioteca era empregado do Banco Mundial. Hoje, ele se entusiasma pelas possibilidades das bibliotecas digitais: “Textos mortos estão ficando vivos!”

Mas mesmo bibliotecas virtuais não podem existir sem um prédio concreto. Pois, em algum lugar, todas essas obras *online* tem que ser lidas. Um café muitas vezes não tem a ligação com a internet. E, lá fora, no sol, a tela reflete demais. Por isso, em função da digitalização, a procura por salas públicas de leitura tem crescido.

Ao mesmo tempo, alguns questionam se os *laptops* são realmente benéficos para a aprendizagem do aluno.

“Se você tem um livro na sua frente é fácil discutir sobre ele, mas uma tela do *notebook* é uma barreira, que separa as pessoas”, é a opinião de Frédéric Kaplan, que pesquisa o futuro da leitura no Center Rolex com pedagogos e programadores. “Queremos trocar o *personal computer* por um *interpersonal computer*”.

Ele tem um robô que sabe projetar gráficos e textos em cima de uma placa de mesa. Kaplan sonha com bancos de dados que possam ser pesquisados, por vários usuários juntos, tocando-se essa placa de mesa.

“O saber dos livros, cada um pode adquirir sozinho, mas sua aplicação só se aprende discutindo”... Diz Kaplan: “Estamos pesquisando como se pode gerir discussões inteligentes.”

Para esse fim, existem microfones embutidos na tábua da mesa, que registram de qual lado dela se fala mais.

“Se uma conversa deriva em um monólogo, a mesa interfere, trocando a cor”, diz Kaplan – e ri de si mesmo: de repente, a mesa à sua frente dispara o alarme vermelho.

BIBLIOTECAS NOVAS, NA EUROPA E NO BRASIL, NO PAÍS DO FUTURO (COMENTÁRIO)

NEW LIBRARIES, IN EUROPE AND BRAZIL, IN THE COUNTRY OF THE FUTURE (COMMENT)

Neste comentário, Ingrid Schwamborn descreve a biblioteca modernizada da Universidade de Bonn, fundada em 1818, e a luta do movimento “Cidadãos para Beethoven”. A autora recomenda ainda que, no centro da cidade de Fortaleza, se crie um moderno “Museu do Livro”, para servir à população local e atrair um público brasileiro e internacional.

In this review, Ingrid Schwamborn describes the modernized library of the University of Bonn, founded in 1818, and the struggle of the “Citizens for Beethoven” movement. The author also recommends the establishment of a modern “Book Museum” in the center of Fortaleza, to serve the local population and attract Brazilian as well as international visitors.

Em 11 de outubro de 2011, foi inaugurado, em Buenos Aires, o “Museo del Libro y de la Lengua”³, a exemplo do “Museu da Língua Portuguesa”, em São Paulo, e os de outras capitais.

3 MOTA, Marina. Um Tesouro platino. Diário do Nordeste, Fortaleza, Caderno 3, p. 6, 28 de out. 2011.

Em Bonn, cidade onde estudei e ensinei sob condições não tão favoráveis como as de hoje, a biblioteca da Universidade (fundada em 1818 pelo Rei da Prússia, Friedrich Wilhelm III) foi reformada. Agora, a nova biblioteca, construída em 1968, ou seja, 150 anos depois da fundação da Universidade onde estudaram ou lecionaram Karl Marx, Friedrich Nietzsche e o Papa Benedikt XVI, e que, de acordo com o *ranking* da Times Higher Education, é uma das 160 melhores do mundo, tem a sala de leitura mais bonita da região. Possui uma vista para o grande rio romântico, o Reno, e disponibiliza conexão para *notebooks* que podem ser colocados sobre as mesas centenárias de madeira bege.

O acervo dessa biblioteca é muito rico e valioso. Recentemente, foi realizada uma pequena exposição com uma parte dos seus livros mais raros: “De Colombo até Cook: livros de viagem ilustrados dos séculos 15 até 18 na Biblioteca da Universidade de Bonn”.

Mas os habitantes engajados de Bonn que, há dez anos, conseguiram instalar o maravilhoso “Festival de Beethoven” e fazê-lo acontecer durante todo o mês de setembro, desde então, querem mais: anseiam por uma casa de concertos para os Festivais de Beethoven, e para outros eventos, pois o antigo prédio já está ficando inadequado. A administração municipal se recusou durante muitos anos a entender o quanto é importante para Bonn ser a terra natal de Beethoven. Estavam ainda mal acostumados com o aparato do governo alemão que residiu nesta pequena, mas histórica cidade, de 1949 até 1990. Criou-se então o movimento Bürger für Beethoven, “Cidadãos para Beethoven”. Eu mesma endossei o movimento e assinei também o pedido para construir uma Casa de Festivais

Beethoven, a ser inaugurada em 2020, quando Ludwig van Beethoven fará seus imortais 250 anos.

Nascido em 17 de dezembro de 1770, Beethoven, aos 22 anos, foi enviado pelo austríaco Conde de Waldstein, de Bonn para Viena, para tomar aulas de composição com Joseph Haydn, logo depois da morte inesperada do jovem Mozart. Argumentam então os “combatentes” para a construção de uma nova Casa, que, se Bonn não comemorar os 250 anos de Beethoven, Viena o fará. Vem se difundindo ainda, em favor desse propósito, que a cidade de Bonn poderia tornar-se uma “Salzburgo no Reno”. Ressalte-se que, atualmente, Salzburgo deve quase todo o seu renome ao fato de que a vistosa casa de nascimento de Mozart situasse no seu centro, assim como a do esquecido Sigismund Neukomm, melhor aluno de Haydn, que nasceu numa grande casa, exatamente em frente à do pai de Mozart. Salzburgo é, ainda, o lugar onde o escritor, agora cada vez mais aclamado, Stefan Zweig morou durante vinte anos.

A Casa de Festivais Beethoven já possui um patrocinador: os Correios. Finalmente, no dia 24 de novembro de 2011, a prefeitura de Bonn decidiu construí-la, indicando um belo terreno, ao lado da torre de vidro dos Correios, à beira de um lago, perto do Reno. Foi realizado um concurso entre dez participantes e escolhidos dois projetos de arquitetos famosos: o da arquiteta Zahar Hadid, semelhante a um “Diamante”, e outro, “Ondas” do Reno, de Hermann & Valentiny.

Tudo isso mostra o que se pode fazer se houver engajamento total para levar adiante uma grande ideia. No caso de Fortaleza, proponho criar um “Museu do Livro”, no centro da cidade. Afinal, Fortaleza merece não só um “Aquário”, mas também um novo templo para livros e lei-

tores, tudo da maneira mais moderna possível. Seria uma atração a mais para seus habitantes, para os visitantes de outras partes deste grande país e do mundo afora.



Dois projetos para a nova casa para os Festivais de Beethoven, em Bonn, Alemanha

Viúvas biblioclastas

Biblioclast widows

Marcelo Gurgel Carlos da Silva¹

Costuma-se arrolar as viúvas entre os biblioclastas, maldosamente acusadas de se livrarem dos livros legados por seus falecidos maridos. Elas, amiúde, sequer esperam a Missa da Ressurreição do pranteado esposo, para se desfazerem da sua biblioteca, pouco importando o valor estimativo ou a raridade dos livros em acervo. Razões para esse comportamento bibliocida são apresentadas e discutidas.

Widows are often listed as biblioclasts, maliciously accused of getting rid of the books left by their deceased husbands. Often, they do not even wait for the Mass of the Resurrection of their mourned husband to dispose of their library, regardless of the estimated value or rarity of the books in the collection. Reasons for this book-destroying behavior are presented and discussed.

A sabedoria popular dá conta de que as traças e os cupins são os grandes inimigos dos livros; o fogo e a umidade, o são para as bibliotecas. A diferença entre eles é que os primeiros agem no plano micro e os últimos, no âmbito macro. No meio cultural, pasmem, costuma-se acrescentar as viúvas entre os biblioclastas, já que, maldosamente, são acusadas de causarem efeitos deletérios em ambos cenários.

Existem, em Fortaleza, como também em outras capitais brasileiras, inúmeras lojas de “sebo”, que oferecem

¹ Médico, epidemiologista do Instituto do Câncer do Ceará, com Pós-Doutorado na Universitat de Barcelona. Professor titular da Universidade Estadual do Ceará e da Faculdade de Medicina de Juazeiro do Norte (CE). Membro da Academia Cearense de Medicina.

livros usados, normalmente advindos do esfacelamento póstumo das bibliotecas particulares, por intervenção intempestiva de certas companheiras de tálamo dos falecidos, as quais, muitas vezes, sequer esperam a Missa da Ressurreição do pranteado esposo, para se desfazerem das obras amealhadas pelo extinto, ao cabo de sua longa jornada terrena.

Para elas, pouco importa o valor estimativo dos livros ou se a coleção contém obras raras, de inegável valor histórico ou cultural, ou mesmo se foram autografadas pelos autores, ainda que seja ou tenha sido um renomado escritor. Nesses episódios, o estado de conservação dos livros não é levado em conta. Para simplificar, tais honoráveis senhoras não os vendem no peso ou na quantidade, devidamente mensurada, mas pelo metro linear, grosseiramente aferido nas estantes.

Os livreiros, que farejam essas oportunidades comerciais, não podem, todavia, ser considerados oportunistas, ao adquirem o produto por preços aviltantes, porquanto se trata de um bom negócio, vantajoso para ambas as partes: livram, no atacado, essas donas da herança, de um “pseudoentulho”, só entendido assim por quem tem obnubilação, e vendem, no varejo, ao sequioso segmento de bibliófilos e outros interessados em participar do botim, transferindo os seus cobres aos intermediários da transação, mal sabendo eles que podem ser alvo da mesma rapinagem, alguns anos à frente, quando ganharem um paletó de madeira e suas diletas companheiras, de agora, replicarem a mesma prática do delivramento literário doméstico.

Não é, pois, prudente, criticar a atuação dos livreiros, nesse mercado editorial paralelo, uma vez que eles estão auferindo legitimamente o seu ganha-pão, além do

que cumprem um importante papel na cadeia comercial do livro; nesse caso específico, possibilitam até que obras raras, que poderiam ter um destino final inglório, como a incineração, o aterramento, e/ou ainda o reaproveitamento como papel de embrulho, e, por sua iniciativa, acabam por cair em boas mãos, sendo incorporadas a outras bibliotecas pessoais, até que a indesejada das gentes venha com uma nova ameaça de desova, literalmente, separando o que se juntara por afinidade: bibliófilos e livros.

De certo modo, não se pode condenar, de todo, a biblioclastia conjugal feminina, fruto notadamente de uma educação literária capenga das tais matronas, concedendo-se atenuantes a essas “bibliocidas”, porquanto, afinal de contas, tanto a constituição como a manutenção de uma biblioteca consomem vastos recursos monetários que deixam de ser aplicados em outras necessidades do provimento do lar. Ademais, persiste aquele espírito de vingança: a leitura dos livros ocupava precioso tempo dos seus maridos, subtraindo momentos da convivência familiar e do cuidar da prole, e, quiçá, exercendo uma atroz concorrência na atenção de seus parceiros. Parece a velha história de ser a biblioteca a “outra”, como se fosse uma amante “teúda e manteúda”, interferindo na relação conjugal.

Por vezes, o despojamento dos livros pode ser decorrente do imperativo de mudança de domicílio; nesses casos, a perda do esposo traz a sensação de que a casa tornou-se muito grande, fato que se alia à pressão imobiliária, ávida pelo terreno do imóvel para edificação multifamiliar, fazendo com que a viúva decida mudar-se para um apartamento, cujos cômodos não conseguem acomodar o acervo literário legado pelo provedor desaparecido. Uma saída honrosa ou desculpa esfarrapada para justificar a perda

do lugar que os livros ocupavam nas estantes da casa e no coração do falecido.

Há também um aspecto subjetivo nessa questão, de vez que, para algumas sobreviventes da dissolução conjugal, a simples vista das estantes reaviva as lembranças do finado, que nem sempre foi um marido exemplar, sendo vital, para a ruptura do luto da viuvez, que ditas obras, encaradas como velharias, sejam erradicadas do seu campo visual, o mais rápido possível. É aí que se aplica o provérbio, em inglês: *out of sight, out of mind*, ou, na versão portuguesa, “longe da vista, longe do coração”.

Para os bibliófilos, que tanto amam seus livros e temem um destino cruel reservado a esses tão caros amigos, há duas possibilidades, ambas de caráter precaucional: a primeira, é ser egoísta, anunciando e ameaçando a esposa de que voltará, nas madrugadas, para puxar-lhe o hálux, caso ela dê fim ao seu patrimônio livresco; a segunda, é ser altruísta, agindo com nobreza, deixando exarado, em testamento, que após o seu desenlace final, evidentemente, a sua biblioteca pessoal seja doada e incorporada a uma biblioteca mantida pelo poder público ou até outra, de livre acesso ao público, como as pertencentes a entes associativos profissionais ou culturais.

Só assim ficaria garantida a perpetuação do livro, tão mais duradouro do que a própria existência humana.

Meu sonhado ex-líbris

My dream ex-líbris

Ana Miranda¹

O ex-líbris faz o livro mais parecido com seu dono. Singulariza o livro. Aproxima a ambos, dono e livro. Isto o torna fascinante. Ao mesmo tempo uma necessidade se impõe: o ex-líbris define o dono do livro para si e para o mundo, essa síntese primordial é o que dificulta a autora de ter seu ex-líbris.

The bookplate, or ex-libris, makes the book more similar to its owner. It distinguishes the book. It brings both the book and its owner closer together, and that makes it fascinating. At the same time a need is created: the bookplate defines the owner of the book for themselves and for the world, and it is this essential synthesis that makes it difficult for this author to have her own bookplate.

Meu sonho é ter um ex-líbris. Eu seria muito mais dona de meus livros, se tivesse um ex-líbris. Enquanto existissem, os meus livros teriam a marca de sua passagem por minha biblioteca. Talvez se tornassem eternamente meus. Eu batizaria todos os meus livros. Nenhum livro se intrometeria por engano em minha biblioteca. Num ex-líbris, eu teria mais personalidade como leitora, e seria uma leitora menos passional, mais organizada, mais exigente.

¹ Ana Miranda realiza um trabalho de redescoberta e valorização do nosso tesouro literário, que a leva a dialogar com obras e autores de nossa literatura. Recebeu alguns prêmios, como Jabuti e da Academia Brasileira de Letras; teve sua obra traduzida em cerca de vinte países, e conquistou expressivo número de leitores, no Brasil. Nasceu no Ceará, em 1951, onde vive atualmente, após cinquenta anos entre Rio, Brasília e São Paulo.

Com um ex-líbris eu me sentiria muito mais completa. Saberla quem eu sou. Reconheceria meus livros que foram emprestados e jamais devolvidos, meus livros perdidos, esquecidos em algum lugar. Faria parte da confraria dos que possuem um ex-líbris e meus livros seriam desejados por ex-libristas e assunto de ex-librismo e de exegetas. Afinal, Ex digito gigas, pelo dedo se conhece o gigante. Ou, dize-me o que lês e te direi quem és. Meu ex-líbris seria um mapa de minha mente.

Alguns leitores sabem o que é um ex-líbris, outros devem estar especulando: seria um bedel de biblioteca? Uma formosa bibliotecária? Um livro de atas de leitura? Seria um caderno de registros de títulos? Um psicanalista especialista em leituras? Um cartógrafo? Um espelho? Seria um comprimido para tomar antes de começar a leitura de um livro? Seria uma oração? Uma patologia? Um delírio? Um radar? Um contraste? Uma nuvem virtual? Nada disso. O ex-líbris é uma pequena estampa que o dono do livro coloca atrás da capa, para marcar a sua propriedade. É quase sempre uma estampa alegórica, tradicionalmente contendo uma divisa, e a palavra ex-líbris, ou em seu original latino, ex libris, seguida do nome do dono daquele livro. É carimbada, colada, ou adesiva. Dizem os entendidos que se pronuncia éqs-líbris, pois a pronúncia eix é para o sentido daquilo que não é mais, como ex-marido, ex-colega... O ex-líbris é uma tradição entre os amantes e colecionadores de livros, e talvez tenha quase a mesma idade do livro, ou seja, livros os mais antigos já levavam ex-líbris, como o ex-líbris do rei Frederico da Baviera, com a data de 1188. Até mesmo seriam mais antigos que os livros, pois foram encontrados em pergaminhos e papiros que provavelmente pertenceram a faraós, mais precisamente,

Amenófis III, que reinou entre 1413 e 1377 a. C. Com o surgimento das iluminuras, dos brasões, das rendilhadas armas, da xilogravura, na Idade Medieval, o ex-líbris tomou forma como o conhecemos. Conta nosso bibliófilo José Augusto Bezerra que alguns livros de monastérios eram protegidos por ex-líbris ameaçadores, talvez como: “Aquele que furtar este livro será excomungado”, ou “irá arder no fogo do inferno”, anátemas que variavam de acordo com o valor do exemplar.

Parece fácil fazer um ex-líbris. Basta escolher uma pequena frase que represente bem o nosso pensamento primordial acerca do mundo. O bibliófilo José Mindlin, por exemplo, escolheu a frase de Montaigne: “Nada faço sem alegria”, escrita em francês antigo. Ele era mesmo um homem sem nenhuma tristeza no semblante ou nas palavras, parecia estar sempre numa suave alegria, mas devia esconder melancolias atrás de seus livros, e seriam imensas as suas nostalgias, ou não teria escolhido esse dito. A poetisa Cecília Meireles escolheu a frase: “...como uma cegonha que sonha, que sonha e sonha...” e o desenho de uma cegonha muito simples e bonita, numa perninha só. Nada mais poético, sugestivo, nada mais parecido com a Cecília... O ex-líbris de Juscelino Kubitschek tem o dístico que foi mote de seu governo: energia e transporte. Ou basta encontrar uma estampa que figure um pensamento. Por exemplo, Winston Churchill escolheu São Jorge sobre seu cavalo, duelando contra um dragão e, claro, vencendo o dragão. Sinhá D’Amora escolheu uma ninfa que desponta de uma paleta de tintas, diante de uma paisagem cearense, com coqueiro e jangadas. E o inteligente ex-líbris de Álvaro Moreyra, desenhado por Di Cavalcanti: uma coruja.

Mas é difícil saber quais as palavras e qual a imagem que nos definirão para sempre. Especialmente para algumas pessoas móveis, como é o meu caso, que estou sempre em mutação. É parecido com o dilema de escolhermos nosso epitáfio, alguns geniais, como o de Mário Quintana: *Eu não estou aqui*. Ou o de Fernando Sabino, *Nasceu homem, morreu menino*. É preciso ter um sentido do que é essencial, uma visão posterior; e um talento para a síntese, coisa que não existe nos romancistas, acostumados ao devaneio. Assim, fico a cada dia mais distante de meu ex-líbris. Mas continuo em sua busca.

O livro

The book

Pedro Paulo Montenegro¹

O livro, como obra científica ou literária e como reflexo do gênio humano. O livro e a liberdade de expressão: censura, ignorância, inquisição, auto de fé. A leitura como apropriação: o autor e o leitor, o ambiente cultural e história literária.

The book as a scientific and literary work and a reflex of humankind. The book and the freedom of speech: censorship, ignorance, inquisition, *auto-da-fé*. Reading as appropriation, the author and the reader, the cultural environment and literary history.

Vários são os sentidos em que podemos empregar o vocábulo livro. Basicamente e para nosso propósito, livro é uma obra científica ou literária que se oferece à contemplação de alguém que pretende estudar um assunto, analisá-lo ou deleitar-se prazerosamente.

O livro supõe um suporte de signos, um processo de inscrição, um significado. Integra-se, assim, num processo de criação, reprodução, distribuição, conservação e comunicação. Dirige-se a um leitor, possui uma finalidade: a reflexão, o ensino, o conhecimento, a evasão, a difusão do pensamento e a cultura.

¹ Mestre em Teoria da Literatura na Universidade de Madri. Professor titular de Teoria de Literatura da Universidade Federal do Ceará. Jornalista, membro da Associação Cearense de Imprensa, do Instituto Brasileiro de Filosofia e da Academia Cearense de Letras.

Os livros são o reflexo fiel do que o gênio humano, mais ou menos inspirado, produziu. Contudo, os livros, na história da humanidade, têm sido objeto de contradição. Em quantas fornalhas ou praças públicas não arderam livros em quantidade. Como se os livros e a liberdade de expressão de que eles logo vieram a se tornar símbolo tivessem engendrado inúmeros censores preocupados em controlar seu uso e sua distribuição e, às vezes, confiscá-los para sempre.

A história da produção dos livros é indissociável de um verdadeiro bibliocausto, sempre recomeçado. Censura, ignorância, imbecilidade, inquisição, auto de fé, negligência, distração, incêndio terão assim constituído outros tantos escolhos no caminho dos livros.

A leitura é sempre apropriação, invenção, produto de significados. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, essa liberdade do leitor, que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas essa liberdade leitora não é jamais absoluta. Ela é cercada das limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura. Mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Há leitores em Roma, em Israel, no Brasil, no século XXI. Sempre se leu ou nunca se leu o suficiente, isto depende do ponto de vista. Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas essa singularidade é atravessada por aquilo que faz que esse leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade.

Mesmo em tempo de massificação e de universalização, não se poderá impedir os colecionadores de construir a raridade. Um livro é raro, ensina Roger Chartier, a partir do momento em que há bibliófilos para procurá-lo. E continua Chartier: “É uma história absolutamente apaixonante a de bibliofilia, que começa no fim do século XVII ou no começo do XVIII, nos meios financeiros e que supõe que seja definido o universo do colecionável”.

O leitor é singular. Cada um com sua visão de mundo. É o que retrata o conto *Mundo de papel*, de Pirandelo. No conto um leitor, o professor Balicci, fica cego de tanto ler. Pede a uma jovem que leia para ele, em voz alta. É um desastre, a moça lê à sua maneira e Balicci não ouve mais a voz de seus livros. Ele ouve outra voz, que choca sua audição e sua memória. Ele pede então a sua leitora que fique quieta e leia em seu lugar. Ela deve ler, para ela mesma, em silêncio, a fim de dar nova vida a este mundo que, desabitado, corre o risco de se tornar inerte. Lendo, em lugar de Balicci, a leitora evitará que seus livros morram, abandonados, ignorados.

Ler é, antes de tudo, um ato de raciocínio, pois trata de saber orientar uma série de raciocínios no sentido da construção de uma interpretação da mensagem escrita a partir da informação do texto e pelos conhecimentos do leitor.

O ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a retirada de nenhum de seus aspectos.

O leitor eficiente atua deliberadamente e supervisiona de forma constante sua própria compreensão. Está alerta às interrupções da compreensão, é seletivo ao dirigir sua atenção aos diferentes aspectos do texto e progressivamente torna mais precisa sua interpretação textual.

A ciência da literatura tem objetos com que se ocupa: a obra literária, o autor, o leitor, o ambiente cultural, a história literária.

A obra literária vem a ser o texto que, em última instância, é uma elaboração humana, um trabalho. Nessa ação, o homem textualizando, significando o real, se significa. E ao elaborar, ele pressupõe o outro, como polo necessário de sua ação significativa, porque a leitura supõe a colaboração. O texto, sendo instrumento, não se lê. Daí o papel essencial do leitor, que é por isso considerado um coautor.

Como elemento de cultura, a arte literária é o momento em que o homem se redescobre como um ser cultural. A literatura pode representar um objeto em toda a sua intimidade. O espírito se objetiva para si mesmo através da fantasia da imaginação, sendo esta a base de todas as formas artísticas.

A missão da literatura, como fator cultural, é evocar a potência do espírito, tudo o que nas paixões e nos sentimentos humanos nos estimula e nos comove. E esses estímulos estão a serviço da transformação da sociedade.

Finalmente, a literatura é uma arte e o escritor, um artista da palavra, do pensamento, do sentimento, da criação literária. Uma missão altíssima.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOSI, Alfred. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. Leitura de Poesia. São Paulo: Ática, 1996.

CHARTIER, Roger. A Aventura do livro. São Paulo: Unesp, 1998.

ECO, Humberto; CARRIÈRE, Jean Claude. Não contem com o fim do Livro.

São Paulo: Record, 2010.

PORTELLA, Eduardo. Teoria da comunicação literária. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Nascimento de um bibliófilo: Minha coleção de primeiras edições dos livros de Stefan Zweig

The birth of a bibliophile: My collection of first editions of Stefan Zweig's books

Holger Naujoks¹

Tradução: Ingrid Schwamborn/ José Augusto Bezerra²

O texto descreve como, sob condições especiais, um livro pode mudar a vida de alguém, e uma pessoa pode tornar-se um bibliófilo de renome.

The text describes how, under special conditions, a book can change someone's life, and a person can become a renowned bibliophile.

O ponto de partida para os acontecimentos referentes a minha coleção de obras de Stefan Zweig, ocorreu exatamente há 30 anos.

¹ Holger Naujoks nasceu em Dresden (República Democrática Alemã – RDA), no ano de 1960. É um bibliófilo especializado na vida e obra de Stefan Zweig. Em 2002, publicou um catálogo das obras de Zweig, oriundas da RDA; em 2005, a tese deste autor (1904); e prepara uma bibliografia atualizada sobre Zweig.

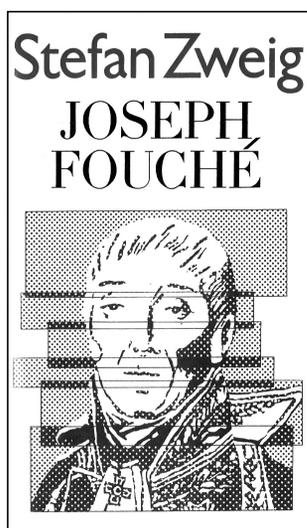
² Ingrid Schwamborn é professora aposentada, mora em Bonn e Fortaleza, tem trabalhos publicados sobre Stefan Zweig no Brasil.

José Augusto Bezerra é escritor, historiador e bibliófilo, Presidente do Instituto do Ceará e da Associação Brasileira de Bibliófilos. Membro da Academia Cearense de Letras.

Começou em 1982, na cidade de Dresden, na Alemanha Oriental, a qual estava separada do resto do mundo por um muro, isolada como uma ilha.

PRIMEIRA EXPERIÊNCIA

No prédio onde morava, havia uma lavanderia especializada em passar roupa de cama e mesa, operada por minha tia.



Lembro-me que, um dia, uma livreira, empregada da grande livraria estadual de Dresden e freguesa daquela lavanderia, colocou na cesta de roupas, como presente para minha tia, um livro que acabara de sair na República Democrática Alemã (RDA): *Joseph Fouché*, 1929, de Stefan Zweig.

Tal era costume naquele tempo, pois pequenos presentes ajudavam no relacionamento entre as pessoas.

Como minha tia não tinha tempo para ler, deu-me o livro de presente. Até então só tinha lido alguns livros de Arnold Zweig, porquanto Stefan Zweig não existia oficialmente na Alemanha Oriental. Conhecia só aquele Zweig, com seu *A briga do Tenente Grischa*, leitura obrigatória nos colégios da RDA, e que não me impressionara.

Li na mesma noite o prefácio do *Fouché* e fiquei surpreso com a linguagem de mestre e a elegância com a qual Stefan Zweig descrevia as fases difíceis da Revolução Francesa, as mudanças abruptas na vida do ministro da

polícia de Napoleão e do novo rei Luíz XVIII. Até o amanhecer não larguei mais o livro, só o fazendo após terminar a leitura da última página. Estava fascinado pela forma com que esse autor conseguia prender o leitor. Dava atualidade ao tema, levando-me a descobrir na figura de Joseph Fouché (1759-1820) o próprio ministro da Segurança Interna (da “Stasi”), Erich Mielke, que conseguira sobreviver a todas as mudanças políticas da RDA, de 1953 até 1989. Dele, ainda hoje, podemos lembrar, já no fim da RDA, a curiosa afirmação: “Mas eu amo todos vocês”.

LEITURAS NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS E PRIMEIRAS AQUISIÇÕES

A partir desse dia, tentei comprar edições de Stefan Zweig, mas não existiam nem nas livrarias nem nos sebos. Até o recém-editado *Fouché*, no mesmo dia da publicação já se esgotara, como os demais títulos do autor, os quais foram posteriormente publicados na RDA.

Apenas quinze exemplares eram destinados a cada livraria, o que atendia tão somente as bibliotecas e ao consumo pessoal dos funcionários das livrarias. No sebo, encontravam-se os livros de Arnold Zweig, mas não os poucos títulos de Stefan Zweig, publicados na RDA.

Só mais tarde eu soube que os livros raros foram vendidos, em primeiro lugar, para os países ali chamados de “estados do mundo não socialista”. Foram trocados por divisas, a seguir foram atendidas as bibliotecas da RDA, depois atenderam-se os bons fregueses, e, por último, os demais interessados.

Então, não havia outra saída a não ser frequentar bibliotecas públicas. A mais próxima era a municipal, mas possuía poucos livros desse autor, e só os publicados na RDA.

A Biblioteca Estadual de Dresden tinha muitos títulos no seu acervo, entre eles muitas edições originais, impressas durante a vida do autor. A única desvantagem era que os livros publicados antes de 1945 só podiam ser consultados na sala de leitura.

Assim, na biblioteca estadual, pouco a pouco, li todos os livros disponíveis de Stefan Zweig, nas várias edições, exceto uma bibliografia, não disponível no acervo.

Depois, na biblioteca estadual de Berlim Oriental e na Livraria Alemã em Leipzig, procurei ler as demais obras não existentes no acervo de Dresden, mas algumas edições, como as primeiras publicações de Stefan Zweig, *Silberne saiten (Cordas prateadas)*, de 1901, e o *Amor de Erika Ewald*, 1904, também não foram encontradas.

Depois de ter lido quase todos os livros de Stefan Zweig nas edições originais, surgiu-me o desejo de possuí-los. Em razão da situação política da Alemanha Oriental, antes de 1989, só consegui adquirir algumas primeiras edições em leilões da única sociedade de bibliófilos da RDA, a Sociedade Pirchheimer, mesmo não sendo sócio.

Lembro-me bem do último leilão, em 1988, em Berlim Oriental, onde consegui adquirir a primeira edição do livro *Brasil, país do futuro*, por 800 marcos orientais. Depois do “toque final do martelo”, um livreiro da Alemanha Ocidental observou que este mesmo livro custaria 100 marcos na República Federal da Alemanha (RFA), ou seja 8 para 1, no câmbio (real) do marco alemão da RDA em troca do marco da RFA.

DEPOIS DA QUEDA DO MURO: NOVAS POSSIBILIDADES DE EXPANDIR A COLEÇÃO

No dia 1º de julho de 1990, a República Democrática Alemã (Alemanha Oriental) uniu-se à República Federal Alemã (Alemanha Ocidental), e o marco alemão ocidental também tornou-se a única moeda no país.

A partir deste momento o aumento da minha coleção seria apenas limitado por três fatores: interesse, tempo e disponibilidade financeira. Com a queda do muro, pela primeira vez, era-me possível visitar países antes vetados para nós.

Consegui um catálogo de livreiros antiquários da Europa e viajei para a Alemanha Ocidental, Áustria e Suíça, pois decidira concentrar-me nas primeiras edições que iam até a morte de Stefan Zweig, em 1942. Não colecionava livros de outros autores, nem autógrafos, e, no começo, nem edições em línguas estrangeiras.

Muito me ajudou, na compra destes livros, o conhecimento adquirido anteriormente nas bibliotecas.

CONTATO COM OUTROS COLECIONADORES E LIVREIROS

Entrei em contato com outros colecionadores e livreiros, que me enviaram os seus catálogos, pois a questão do tempo para os catálogos chegarem à caixa do correio era fundamental. Essa rapidez era vital, pois decidiria se eu ou outro concorrente conseguiria certo livro, porque, além do conhecimento da matéria, era necessária urgência na decisão, sobretudo em caso de obras raras.

Tal concorrência e o intercâmbio de obras recentemente adquiridas foram fundamentais para mim, pois

logo reconheci quais dos títulos eram frequentes, raros ou quase inacessíveis.

Em pouco tempo, possuía uma coleção básica das edições mais importantes. Depois da queda do muro, comprei também as edições de Stefan Zweig da ex-RDA, que, de repente, não eram mais de interesse de ninguém.

Nesse contexto, descobri uma edição que não conhecia: *Buchmendel*, 1986, em couro: edição fora do mercado, não vendida nas livrarias, cujos poucos exemplares foram distribuídos durante a Feira de Livros de Leipzig, principalmente para livreiros ocidentais.

PRIMEIRO TRABALHO DE PESQUISA, UM CATÁLOGO.

Depois que minhas edições da RDA estavam completas, organizei uma exposição de todas as edições de livros de Stefan Zweig, da RDA, com um catálogo, que foi meu primeiro trabalho de pesquisa publicado.

Conforme minhas estatísticas, era de quinze mil o número de exemplares editados desses livros, o que significava que, nessas publicações, houvera um livro de Stefan Zweig para cada mil habitantes da RDA.

Mesmo se a tiragem parecer relativamente alta, deve-se observar que o número dos títulos publicados na RDA era pequeno em comparação com os da RFA. Além disso, muitos livros foram proibidos, ou não foram impressos, por várias razões.

Além do número de edições dos livros de Stefan Zweig, a minha coleção aumentou também em qualidade, pois comecei a substituir os livros menos conservados por outros de melhor qualidade.

Também colecionei as edições em diferentes variantes de capa: brochura, capa dura, linho, etc. As capas protetoras, as caixas e os prospectos ou catálogos, eram para

mim um desafio especial. O ponto culminante eram as edições especiais, em geral sobre papel nobre, numeradas e autografadas pelo autor. Como exemplo, menciono o romance *Confusão de sentimentos*, 1926, que na edição *princeps* foi publicado em brochura, em linho, em meio-couro, e, como edição preferencial, completamente em couro.

NOVOS CONTATOS, NOVO TRABALHO (A TESE DE ZWEIG), E O AUMENTO DA COLEÇÃO

Um enriquecimento pessoal e essencial foi o contato com biógrafos, bibliógrafos e pesquisadores que se ocuparam em estudar a vida e a obra de Stefan Zweig, particularmente os contatos feitos nos congressos sobre Stefan Zweig, que se iniciaram em Salzburgo, a partir de 1992.

Em consequência, incluí na minha coleção também os livros mais importantes sobre Stefan Zweig, dos quais alguns agora já são uma raridade. Além disso foi-me despertada a paixão para compartilhar as minhas pesquisas sobre Zweig com a comunidade científica especializada.

Como contribuição fora do comum, editei 50 exemplares numerados, com a tese de Stefan Zweig: *A filosofia de Hippolyte Taine*, 1904. Traduzi todos os trechos em francês, estabeleci um índice de pessoas e assuntos, esclarecendo também as circunstâncias que levaram à anulação do título de “Doutor” de Stefan Zweig, no “Terceiro Reich”, e ao posterior reconhecimento desse título, na Áustria.

Além disso, organizei um catálogo de todas as matérias das aulas que Zweig frequentou nas Universidades de Viena e Berlim, incluindo o nome dos professores.

Neste tempo, minha coleção das primeiras edições, junto com as edições em línguas estrangeiras, estava completa, à exceção de duas obras faltantes.

Porém não ficou monótono porque sempre aparecem novidades, seja a variante de uma obra, ou a prova de que os primeiros poemas, publicados com pseudônimos, atribuídos pelos pesquisadores a Zweig, não são dele.

DIE PHILOSOPHIE DES HIPPOLYTE TAINÉ

von

Stefan Zweig

Dissertation eingereicht zur Erlangung des philosophischen Doktorates

Wien 1904

herausgegeben von Holger Naujoks

Erstdruck
Reinhardtbrunn 2005

*PROJETO DE UMA NOVA BIBLIOGRAFIA DE
TODAS AS OBRAS DE STEFAN ZWEIG, E SOBRE ELE*

Atualmente estou preparando uma bibliografia nova de todas as edições das obras de Stefan Zweig, e sobre ele, que será muito útil para colecionadores, livreiros antiquários, pesquisadores e bibliotecas. Porquanto, mesmo depois de setenta anos da morte de Stefan Zweig, o número de pessoas interessadas em sua vida e obra continua aumentando na Alemanha, na França, e no âmbito internacional.

Poeta e poetisa

Poet and Poetess

Sânzio de Azevedo¹

Este artigo discute o costume que surgiu no Brasil de se chamar de poetas as poetisas. Em latim, em francês, em inglês, em italiano, em espanhol, em alemão e certamente em outros idiomas há um vocábulo para o homem que faz versos e outro para a mulher na mesma situação. Deve haver um preconceito na origem desse costume, que não existe em Portugal.

This article discusses the habit developed in Brazil of calling poet a woman who writes poems, the poetess. In Latin, French, English, Italian, Spanish, German, and certainly in other languages, there is a word for the man who writes verses and another one for the woman in the same position. There must be some kind of prejudice in the origin of this habit, which does not exist in Portugal.

Não é a primeira vez que abordo esse assunto, mas resolvi retomá-lo depois de uma conversa que tive há algum tempo com o amigo e poeta Jorge Tufic, oportunidade em que ele me revelou não concordar com o costume, que grassa em nossa imprensa, de se dizer, ao falar de uma mulher que faz versos, tratar-se de “uma poeta”.

Sinésio Cabral, em trabalho de 1991,² após lembrar que, em Antenor Nascentes, em Silveira Bueno e na Del-

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor de Literatura na Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras e da Associação Brasileira de Bibliófilos. Ensaísta, poeta e historiador literário.

² CABRAL, Sinésio. Aspectos da língua viva. Fortaleza: Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, 1992. p. 30.

ta Larousse (e eu acrescentaria Caldas Aulete e Koogan-Houaiss), encontra-se *poetisa* como feminino de *poeta*, adverte que em latim temos *poeta* (poeta) e *poetria* (poetisa); em francês, *poète* e *poétesse*; como, em inglês, *poet* e *poetess*. Ao que eu acrescento, em espanhol, *poeta* e *poetisa*; em italiano, *poeta* e *poetessa* e, em alemão, *Dichter* e *Dichterin*.

No mesmo trabalho, cita Sinésio Cabral o poeta e crítico Péricles Eugênio da Silva Ramos, o qual considerava Francisca Júlia “talvez o mais característico dos poetas parnasianos do Brasil”, dizendo em seguida que “a poetisa professou a arte pela arte”.³ E observa o ensaísta cearense: “Trata-se, aqui, do emprego correto de *poetas* (a poetisa entre poetas) e de *poetisa* (feminino de poeta).”⁴

José Peixoto Júnior, escritor cearense radicado em Brasília, em texto publicado numa revista dirigida por Nilto Maciel, ao referir-se a *poeta* e *poetisa*, assinalou: “O uso dos dois epítetos nunca arranhou a igualdade reinante no seio do poetismo; jamais limitou o espaço a ‘quantos bebem a água do Parnaso’; entretanto, insinuam o enquadramento do substantivo poeta na classificação morfológica do grupo ‘comum de dois’, submetendo-o ao vexame de ver-se antecedido por forma articular feminina na determinação daquela que verseja, denominando-a de ‘a poeta.’” O mesmo ensaísta sugere que o vocábulo *poetisa* “deve ter surgido nos estertores do Iluminismo”.⁵

O filólogo conterrâneo José Alves Fernandes me apresentou o único exemplo que vi, fora de nosso tempo,

³ RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. “Introdução”. In: JÚLIA, Francisca. *Poetas*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1961. p. 28

⁴ CABRAL, Sinésio. Op. e loc. cit.

⁵ PEIXOTO JÚNIOR, José. “O Poeta, a poeta”. *Literatura – Revista do escritor brasileiro*, Brasília, n. 8. p. 96-97, jun. 1995.

do emprego de poeta com referência a uma mulher. É do século XVII, e diz: “No fim de todas elas (...) vem hua natural de Saxônia chamada Rosuvides estremada na língua Latina & Grega, & Poeta laureada da qual diz Arnaldo (...) que foi admirável assi na prosa, como no verso.”⁶

É o caso de se imaginar o que, em nossos dias, teria levado alguns a substituir *poetisa* pelo equivalente masculino, tratando embora de mulher. Terá sido a palavra desgastada pela produção de tantas versejadoras sem mérito, ao longo dos anos? Não, esse argumento não procede, se pensarmos no número imenso de homens escrevendo maus poemas no Brasil, ontem, hoje e certamente amanhã...

Embora continue julgando ser *poetisa* o feminino legítimo de *poeta*, como juíza o é de juiz, ou pintora de pintor, ainda admito que alguém se refira a uma autora de poemas chamando-a de *poeta*, mas desde que seja respeitado o gênero do vocábulo.

Cecília Meireles, em “Motivo”, disse: “Não sou alegre nem sou triste: / sou poeta.” Lendo este último verso, não podemos ter certeza quanto ao fato de a autora de *Viagem* aceitar a forma feminina “a poeta” (que me parece anties-tética), mas, se me é lícita a lembrança de um testemunho oral, contou-me o saudoso escritor Edigar de Alencar que, ao perguntar a Cecília Meireles se ela havia escrito algum poema humorístico, teve dela esta resposta: “ – Eu sou um poeta elegíaco!” Note-se que a escritora disse “um poeta”, e não “uma poeta”.

Curioso constatar que só acontece esse atentado à gramática com o vocábulo *poeta*. Ninguém diz que a atriz

⁶ S. TOMÁS, Fr. Leão de. *Benedictina lusitana*, I, 1644, p. 248. “Gentileza do Prof. José Alves Fernandes.”

Cacilda Becker foi “uma ator”, ou que a pintora Tarsila do Amaral foi “uma pintor”, o que equivaleria rigorosamente a “uma poeta”...

José Veríssimo, tratando de Júlia Cortines, afirmou, no começo do século XX: “esta poetisa é um poeta tão bom como nossos melhores”.⁷ Claro que o crítico usou *poeta* para generalizar, tanto que o estudo se intitula “Uma poetisa e dois poetas”, pois fala também de Cruz e Sousa e de Luís Guimarães Filho.

Bem outro é o caso de Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) que, no estudo “Uma poetisa poeta”, datado de 1920, comentando a escassez do trabalho cultural das mulheres (as quais, para ele, “não se distinguem (...) por uma produção satisfatória e nem mesmo apreciável”), conclui o trabalho com esta frase: “A Sra. Maria Eugênia Celso não é uma poetisa, é um poeta, mas de alma profundamente feminina.”⁸

Parece-me estar nessa visão preconceituosa (e machista) a origem da aversão de alguns ao vocábulo *poetisa*. E ainda assim o crítico respeitou a gramática, pois não escreveu “uma poeta”...

Sirva-me de consolo a leitura de uma poetisa atual, que assume de maneira forte e bela sua condição de mulher que faz versos; trata-se de Elisabeth Veiga, que escreveu um poema intitulado, justamente, “Poetisa”:

⁷ VERÍSSIMO, José. Estudos de literatura brasileira, sexta série. Rio de Janeiro: Garnier, 1907, p. 176.

⁸ LIMA, Alceu Amoroso. Primeiros estudos. Rio de Janeiro: Agir, 1948. v.1, p. 221 e 227.

*Ponho a palavra batom no papel
-- palavra de carne
como o beijo é vermelho.*

*Ponho a palavra rímel
e os olhos se fecham sob mel negro
dessa tinta alerta,
e o poema se entrega entre teus dedos,
observa
o ócio com que o folheias:
se tivesse pétalas voava
suicida, de volta para o vidro de perfume.*

*Mas o silêncio da rosa
é perfeito
quando é só:
rosa – eternidade na mesa.
Mas ponho a palavra terra.
Sou origem.*

Poetisa. Não poeta.⁹

Para encerrar, acrescento que, segundo informações do Prof. William Craveiro, da UFC (que tem viajado a Lisboa) e da Prof^a Dr^a Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra), em Portugal não existe esse costume de se chamar, à mulher que escreve poemas, de poeta.

⁹ VEIGA, Elisabeth. "Poetisa". Apud LYRA, Pedro. Sincretismo: a poesia da Geração de 60. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. p. 531.

*A mulher e o mar*¹

The woman and the sea

*Fernanda Quinderé*²

No profundo das águas do oceano
Deste mundo oco, de traços assimétricos,
Vidas e destinos, homens e homens,
Com muitos séculos de vida
Diante do sol manchado
Por nuvens carregadas de tempestade
Desenham nas areias desertas da preamar
A dança erótica das águas que se faz mulher.

*

Desnudam-se todos em oração
Nos mistérios gozosos, dolorosos,
Na liturgia da pele enrugada de cobiça
Choram.
Rosários, terços ladainhas,
As mezinhas, as mezinhas
Unguento e alívio da dor, no torpor
Dos dias que virão condenados a ser feliz.

*

¹ Inédito, escrito em Fortaleza entre o dia e a noite de 31 de dezembro de 2011, inspirado no livro *Invenção do Mar* – do “Poeta do Século”, Gerardo de Mello Mourão, ganhador do Prêmio Jabuti, 1999, que também foi um grande bibliófilo e colaborador da ABBi.

² Atriz, escritora e poeta, com sete livros publicados, sendo dois inteiramente de poesia. Membro da Academia Fortalezense de Letras, da Academia de Letras e Artes do Nordeste e da Associação Brasileira de Bibliófilos. Sócia-honorária da Sociedade Brasileira de Médicos e Escritores.

Naus e naus acenam despedidas
À beira do Tejo e do Mondego.
Sob as bênçãos do sal, do sol, das algas,
Dos peixes submersos.
As águas em ondas contorcem
O seio sensual da terra
E espalham sêmen de todas as cores,
Rasgam o frescor das espumas líquidas,
Plantam adeuses e adeuses
No hálito fluídico de Deus.

*

No ritual de luz e sombra
Sob o toldo negro do infinito azul
Possuindo a manhã que se faz tarde
Na ardência das cores do crepúsculo
Partem homens e homens
Em galeões com alcáçovas que se erguem
Para sustentar o perigo das guerras.

*

Com seus rosários de conchas enfileiradas
Nas coxas de pele louçã,
As mulheres inocentes
São as virgens não tão santas,
Tornadas guerreiras como os mouros.
Cavalgam dias e dias, exiladas na esperança,
Rebordando de estrelas as noites sem amanhãs.

*

A liberdade lambe os pés dos capitães
 Enfeitiçados pelo poder dos Reis e das Rainhas.
 Homens e homens ignoram
 Que há mais de cinco mil anos
 Homens e homens
 Comem terra bebem nuvens e urinam mar
 Felizes em meio às suas ocas e tabas
 Adorando morubixabas e pajés.

*

No decorrer dos séculos
 Dos séculos tais às portas do dezesseis.
 Partem.
 No vau dos rios e nas serras
 Da pedra à água ao Rio mar
 Esplêndida é a natureza
 Em que Deus chamou à luz dia
 E às trevas chamou noite
 E foi a tarde e a manhã do primeiro dia
 Contada em livro por Moisés chamado Gênesis.

*

Duarte Pacheco Pereira
 Vicente Yáñez Pinzón
 Espiaram com suas lunetas mágicas
 As cercanias do céu das Três Marias
 E do cruzeiro do sul.
 Cabral, o Pedro Álvares!
 Duas caravelas, sem âncoras e sem velas,
 Aportou.
 Treze naus. O epílogo da história celebrou.
 Frei Henrique de Coimbra contemplando o firmamento
 Vislumbrou nossa cruz de estrelas
 E nos abençoou como Terra da Santa Cruz.

*

Avistaram todos a seu tempo
Pindorama, a terra prometida.
Auroras e crepúsculos por Manuel financiados
A D. Manuel a terra entregaram.
Missiva assinada por Caminha
Lança a pedra fundamental
De um novo mundo.
Sobre a arfagem das ondas
Arribaram homens e homens
Com a boa notícia nas palmas da mão.
Criaturas humanas, anônimas já existiam.
Eram muitos que repetiam vidas noutras vidas
De Deus.
Um Deus que os povoadores desconheciam.

*

Homens e homens abusaram
Nos festins e babilônias e folias
Usando espadas que feriam
Feriam os corpos em delírio das mulheres
Desfeitas no mapa da virgindade.
Nas danças, nos gestos entre panos e palmas,
No abismo do sonho que agoniza
No além do futuro mais dois dias
Os homens mataram com mãos unguidas
Pela virgindade de tantas.

*

Despojados de sua obra indigente
E a contemplar o céu das estrelas fugidias
Partem os homens e os homens
Sem lágrimas de sal derramadas.
Vão e voltam os homens e os homens
Nos mares rendados por peixes
Vivendo anônimos, a ventura,
De ser mais um a servir à venturosa
Visão gerada por Manuel, o Venturoso.

*

Nada se viu da Grécia que gerou Troia
Que gerou Ares, que gerou Penteseleia.
Nada se viu de Sócrates, Aristóteles e Platão.
Nem nada se viu do vate inglês
Criando amores e traições
Nos reinos de Lear, Macbeth ou Ricardo,
O terceiro coração de leão.
Nada se viu do continente azul dos negros e negros
Que lhes serviriam depois de depois
A mando de Barões e Vice-Reis.
Viu-se, pois no inventário dos mares,
Um oceano de mares
Um oceano de terras.
E a paisagem eterna das ventanias
Tal epifania que celebra o tempo
O vento, o vento, o vento.

*

Entre continentes, arquipélagos e ilhas,
Cordilheiras e terras e terras
Desencadeando lutas e guerras
Viu-se felicidade na espera.
Foi de Cabral e foi de Colombo
- Caçadores de estrelas
A descoberta dos ameríndios
Onde Deus fez a morada
De tantos, vestidos de folhas e de penas,
E nus desconhecedores do pecado.

*

Entre matas e rios e lagos
Florestas virgens sem canaviais
Cordilheiras qual muralhas de outras pátrias
Habitavam homens encarnados, guerreiros,
Com tacape partidor de cabeças, com flecha,
E embira e o espeto de moquém
Tocaiando por toda parte
Sem conseguir deter os passos do povoador.
Das Índias desviou-se no vento, o caminho,
Que fez nascer o mistério - Pindorama
Terra de pau e ouro
Aves, exotismo e couro,
E que veio a ser outra nação
Assoprada na América,
De Duarte, de Pinzón e de Cabral.

*

O Brasil desconhecido de Sebastião e de Henrique
Resistiu às naus francesas invasoras
Holandesas e Ibéricas.
Batizaram os descobridores:
Terra de Santa Cruz, Ilha de Vera Cruz
Na cruz de pau brasil fincada
Sob o anil do céu de raios fúlgidos
Impedindo no florão da América, a liberdade.
Liberdade das criaturas verdadeiras da terra chamada Brasil.

*

O grito de perplexidade: Tupã! Tupã!
O despertar do homem e do homem
No horizonte das esmeraldas
Com suas bandeiras desfraldadas
Em busca das águas do Prata,
Da prata e do ouro, diamantes e rubis,
Não temeram a solidão da morte
Nem de garimpar riqueza e sorte
Ao léu, ao léu.

*

Muitas e muitas velas despedaçadas
Aportavam e partiam.
Em cada ilha mulheres prenas
Pelo sêmen do macho português
Habitavam a terra e gemiam
Ao som das guitarras cantantes de Portugal.

*

Naus dos quintos que ao mar adentravam,
Rompendo tratados
Tordesilhas e tantos mais
Desrespeitando astros
Desconsiderando astrolábios
Vindos de Sagres
Necessários aos olhos cegos de pudor.
Roubavam.
Das terras outras, de reis gananciosos,
Ociosos no labor de cada dia
Incitavam homens e homens
A invadirem em nome do poder
A terra alheia de árvores longas e palmeiras
Que valsavam ao ritmo dos tambores.

*

Rainhas mortas, Infantes destemidos,
Padres catequéticos, índios perseguidos.
Negros. Negras batinas confundiam-se
Em disputas tantas na terra de tantos.
A mulher se encarregou do pecado
Causadora da miscigenação
Pagou com o ferro e com a morte
Os filhos que pariu.
Bastardos concebidos na melancolia da loucura
Miseráveis, tornavam-se descontentes,
Farejando os passos dos profetas da mentira
Dos marinheiros, cruzadores de mares e sangues,
Nos bordéis das putas disponíveis.

*

Os ensandecidos insaciados, vindos,
 Sangravam himens, tingindo as águas,
 Estupradas sem o gozo físico do prazer.
 Esperança e medo
 Em terras do além-mar
 Há homens que comem homens
 Grelham corpos, assam nus.
 Há guerreiros traidores
 Tupiniquins, Guaranis
 Caetés, Tupinambás,
 Timbiras e Tamoios,
 Confederação.
 Fortes eram a enxergar seu mundo todo.
 Dialectos vários, muitas línguas numa terra só.
 Defendiam-se dos Invasores d' além-mar
 Que os mares devoravam ou não.

*

Homens e homens
 Feitos da matéria dos sonhos
 Sonharam com a dominação.
 Capitánias hereditárias terror da nação
 Donatários das distâncias e dos espaços
 Os franceses e tamoios amigos se tornaram
 Villegagnon – à França Antártica consagraram.
 Desagrado a D. João o terceiro
 Filho de Leonor, a rainha,
 Que se fez infeliz nas lutas
 E nos mandos da inquisição.
 Calvinistas expulsados, D. João mudou a prosa.

*

Tomé de Souza, o primeiro.
Nóbrega e Anchieta nada entenderam
Do sopro esparso da brisa e da coragem.
Duarte da Costa cumpridor da escravidão
Desgostou Bispo Sardinha
Náufrago nas costas das Alagoas
Devorado foi pelos índios Caetés.
Governadores Gerais, disparos e tiros de honra,
Na desonra dos trabucos e das lanças
Cortadores de orelhas e narizes como prova
Da morte, enviada aos seus rincões.

*

De grande força e pequeno nome
Men de Sá o terceiro veio a ver
Cinquenta e mais anos depois de depois.
Senhor da guerra e da paz
Abafou o grito das índias escravizadas
Servidoras aos clérigos pecadores.
Estancou a antropofagia e o medo
Dos senhores donos das terras de antão.
Acudiu Estácio que fundou o Rio
E no outeiro a Glória de N. Senhora,
Mas deu o Rio a São Sebastião.

*

Trouxe consigo cinquenta e cinco fidalgos
Entre guerreiros e pacificadores.
Aqui chegaram homens de letras e saberes.
Barreto, Muniz dos Reis, de confiança do Rei.
Aportaram na Bahia e se espalharam
No roteiro poético dos sertões.
Ao fogo em brasa abaixo da linha do Equador
Fez-se o poema. O alumbramento à beira das águas
Como princípio do sangue
Dos apelidados de Quinderé.

*

Obra divina da quinta “kinder erer”
Dita criança alegre como os apelidados são.
Criada por holandeses de Matias Becker
Nos limites do Aracati
Onde a mulher e o mar se abasteciam de luz
Os apelidados foram à luta
Alferes condecorados na Guerra do Paraguai.
Na medida da coragem e da fé
Mudaram então de Muniz Barreto
Para Quinderé, negando a partitura real da coroa,
Decidida a fechar os portos de seu país.

*

Não exportavam mais o ouro branco
Que de tão branco, azul mais valia
Para a Inglaterra que o consumia.
Kinder Erer existiu como legado dos dias
Do século que se chamou dezoito,
Depois dezoito e então vinte
Encontrando o vinte e um
Nos batistérios registrados.

*

Entrelaçados em princípio aos Alves Ribeiro
Pinheiro e Souza Mello, Pinto e Oliveira,
Valadão, Costa Lima e Valente,
E tantos mais nascidos no Brasil de meu Deus
São entes e seres herdeiros do sangue que faz pátria
E origem da cotidiana vida da poeta
Mulher com seus pecados
Que não mais se acha à sombra das palmeiras
Dos Tupiniquins e Tupinambás
Nem do Estácio e nem do Men de Sá
Com historias de mitos e de lendas,
Mas lembra
Que o feitiço da negra à beira das águas
Do São Francisco – o rio
Fez de um Muniz Barreto, Antônio,
Antônimo do desamor
Dando-nos Tereza
Filha bastarda de mãe
Criada nos sertões dos Inhamuns.

*

Tereza gerada nas águas, não viu o mar,
Mas viu mudanças no seu corpo
Ouvindo ternuras nas confidências da camarinha.
Viu ousadias e tormentas
Viu de seu útero nascerem os filhos
Testemunhas que conduzem os séculos
Em louvor da pele negra, como noite,
Miscigenada como as cores do crepúsculo,
De olhos azuis, verdes ou amarelos,
Fortalecendo poesia nos elos da coragem e da fé
De quem nasce um Quinderé.

Darel ilustrador¹

Darel illustrator

Oto Dias Becker Reifschneider²

Um dos mais conhecidos e respeitados gravadores brasileiros, Darel Valença Lins atuou como ilustrador de periódicos e livros de forma marcante. Tentou-se, neste artigo, levantar a bibliografia do Darel ilustrador, apresentando parte de seu caminho e de sua forma de pensar. Para tanto, foi feita uma minuciosa pesquisa em bibliotecas, livrarias e coleções particulares, sendo arrolados os livros e álbuns de gravuras.

Darel Valença Lins, one of Brazil's foremost print-makers, had also a preeminent role as an illustrator. For this article, a specialized bibliography of the works he illustrated was compiled. In the introductory text, his path as an illustrator and some of his ideas concerning his work were presented. A meticulous research in libraries, bookstores and private collections was conducted and the books and print portfolios found were described.

Darel Valença Lins é conhecido como um dos principais gravuristas brasileiros, mesmo que não tenha trabalhado essa arte nos últimos 20 anos. Antes da gravura, no entanto, veio o desenho: veio de menino. De sua experiência na Usina Catende, na qual seu traço estava a serviço do departamento técnico, surgiu seu fascínio pelas máquinas, tão marcante em seu trabalho. Uma leitura específica aju-

¹ Este texto baseia-se em diversas entrevistas e algumas conversas que tive com o artista nos últimos anos, além do exame de livros e periódicos por ele ilustrados. Nascido em Palmares (PE), em 1924, Darel passou quase toda sua vida adulta no Rio de Janeiro. A fala do artista foi apenas ligeiramente editada, para tornar o texto mais literário.

² Doutor em ciência da informação, bibliófilo, pesquisador e escritor.

dou a moldar essas máquinas em sua mente: Kafka e sua *Colônia penal*. De suas experiências pessoais, seus amores, da paixão física, veio a atração natural pela forma feminina, outra forte presença em seu trabalho.

Um aspecto obscuro da arte de Darel, ao menos para os que não eram ainda leitores nos anos 50 e 60, ou para os que não percorreram tomos dessa época nas estantes de bibliotecas, é seu trabalho de ilustrador. Durante quase duas décadas, o artista exerceu essa atividade de forma intensa, a excessão de dois anos transcorridos na Europa, por conta do Prêmio de Viagem ao Exterior do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Foram três as facetas de Darel ilustrador, cada uma delas ligadas a figuras emblemáticas em suas áreas: de periódicos (Samuel Wainer), de livros (José Olympio) e de livros de arte (Castro Maya).



Acervo de Otto Reifschneider

Ilustração de Darel para o livro *O Prêmio* de Leo Victor

Para periódicos, mesmo que seu início tenha sido com Samuel Wainer, Darel ilustrou para Manchete (1952-2000), O Cruzeiro (1928-1978), Revista Senhor (que tinha Scliar e Glauco Rodrigues na equipe, entre outros artistas), Revista da Semana (1900-1962), Diário de Notícias e O Jornal (1919-1974, comprado em 1924 por Chateaubriand), além do jornal e da revista de Wainer, respectivamente Última Hora e Flan. Não havia, portanto, qualquer preocupação ou inclinação política do artista na execução desses trabalhos, já que os veículos de Wainer, Carlos Lacerda e Assis Chateaubriand, que dominavam a imprensa de então, estavam em constante disputa.

O trabalho de Darel como ilustrador para periódicos, assim como o da maior parte dos ilustradores brasileiros, ainda está para ser levantado. Para tanto, seria necessária uma extensa pesquisa de arquivo:

Eu fazia 25 desenhos por dia para jornal, parei de fazer porque não queria mais fazer. Tive uma atividade enorme de desenho, mas sempre fazia o tipo meu. Fiquei muito respeitado, a ponto do Samuel Weiner, no leito de morte, ditar em seu livro “A razão de minha vida”, que seu jornal, o “Última Hora”, era um jornal tão bom que tinha artistas como Di Cavalcanti, Darel.... refere-se a Darel. Então ele gostava de mim como desenhista. Ele que me descobriu como desenhista de jornal, foi o Samuel Weiner – morreu mal, sem dinheiro, sem nada.

Apesar da produção constante, Darel não ilustrava por ilustrar, especialmente os livros. Apenas aquilo que o tocava era objeto de seu traço: escolhia os escritores. Conta, como episódio-modelo, a vez que José Olympio – amigo – ofereceu para que ilustrasse toda a obra de José Lins do Rego. Darel era “garoto”, talvez com seus 26 ou 27 anos:

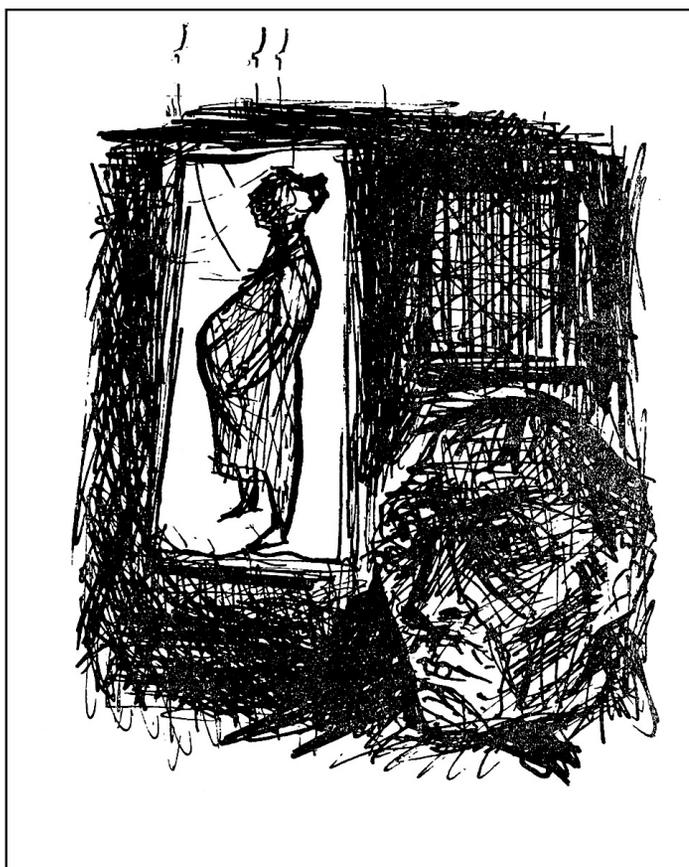
Eu peguei, li, e disse que não podia fazer José Lins do Rego porque não me falava ao lápis. Ele pensava que, por eu ser artista do Nordeste e José Lins do Rego escrever “Menino de engenho”, que era ilustração para mim. Eu disse que não era ilustração para mim: perdi dinheiro, mas não illustrei. Eu só ilustrava livros que me falavam à alma.

Se José Lins do Rego não lhe fala ao lápis, Darel considera Graciliano Ramos, um dos maiores escritores brasileiros, tão importante para nossa literatura como Joyce para a inglesa:

Eu illustrei “São Bernardo” porque eu não ia fazer porteira, não ia fazer boi. Quando ilustro, ilustro em geral as coisas subjetivas. Meus desenhos para ilustração, eu normalmente considero que eles podem viver independentes.

Os desenhos surgem pela sugestão do escritor, acompanham o livro, mas têm vida própria, já que criados por um artista. Darel não gosta de ilustrar situação em ato, i.é, retratar o descrito. No seu caminho como ilustrador, um dos mais marcantes episódios foi seu trabalho para Casca-lho, de Herberto Sales:

Esse livro, eu illustrei, fiz 120 ilustrações. E como eu escutava muito o Goeldi, porque era jovem, gostava de mostrar a ele as coisas. Goeldi não foi professor de técnica, foi professor moral, como artista. Ele pegou essas 120 ilustrações de Cascalho e dizia assim: “isto é Kubin, isto é Kubin, isto é Kubin, isto é Darel, isto é Kubin, isto é Kubin, isto é Darel...” Porque Kubin, o Alfred Kubin, foi aquele artista austríaco que falei que influenciou, inclusive, muito o Goeldi [que apresentou o trabalho de Kubin a Darel]. E eu aprendi muito a desenhar com o Kubin, e o desenho que fiz para Alberto Sales tinha muita influência de Kubin, mas da superfície de Kubin, tem mais influência de Max Ernest do que Kubin, porque influência é uma coisa... De Kooning, por exemplo, diz num depoimento dele que tem uma influência muito grande de Rubens. Eu duvidei. Então prestei muita atenção na pintura de Kooning: realmente ele tem o vermelho e os verdes de Rubens. Então a influência não é o sujeito fazer parecido com o outro, é ter a influência do senso interior do artista. A minha influência de Goeldi foi a influência moral das coisas. Goeldi costumava dizer: eu não acredito em artista de mau-caráter. Essa foi a influência do Goeldi. Mas aí Goeldi foi rigoroso comigo com relação às ilustrações de Cascalho: “olha, isto é Kubin, isto é Kubin, isto é Kubin, isto é seu. Darel, você não precisa mais de Kubin”. Eu rasguei todas as ilustrações e refiz tudo – fiz ilustrações novas. Eu ilustrava com vontade de fazer bem.



Acervo de Otto Reifschneider

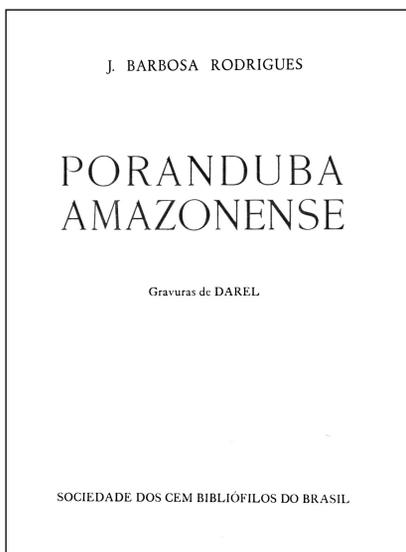
Ilustração de Darel para *Cascalho*

Após seus primeiros trabalhos de ilustrador, Darel torna-se, em 1953, responsável pela Gráfica de Artes S.A. e, portanto, pelas publicações da Sociedade dos Cem Bibliófilos³ - ficaria a sua frente por 16 anos. Ele relata o início dessa história:

³ Organizada por Raymundo de Castro Maya, a Sociedade foi criada em 1943. Nos livros editados pela Fundação Castro Maya, pouco se encontra sobre o funcionamento da Gráfica de Artes S.A. (Castro Maya bibliófilo, 2002, p. 60).

Eu era amigo do Loi Portinari. Tinha tido uma desavença com Iberê Camargo, quase fomos aos tapas. Ele era mais velho [Iberê nascera em 1914, Darel em 1924] ... xinguei ele, fiquei inimigo dele – tinha raiva. O Loi Portinari, irmão do Portinari, não entendia nada de gravura. Eu já era um enfant gâté, já conhecia bem gravura, já era considerado um bom gravador de metal. Ele disse: “Darel, tenho um emprego para você”. Me ofereceu um jantar lá na porta dum bar chamado “O vermelhinho”, onde todos os artistas se reuniam na década de 50 [na rua Araújo Porto Alegre, centro do Rio de Janeiro]. Eu, Pancetti, Iberê, todo mundo ficava por lá esperando o trânsito melhorar para a gente vir para a Zona Sul. Ele me ofereceu o emprego como diretor técnico da Gráfica de Artes dos Cem Bibliófilos. Eu digo: “Opa, que maravilha! Estou sem emprego...” não ganhava dinheiro, vivia mal de dinheiro, então ótimo! Ele disse: “Mas tem uma condição: Iberê está fazendo um livro e está criando muitos problemas. Você, assumindo esse seu emprego, terá a função de descartar Iberê do trabalho”. Eu, malandramente, disse sim. Quando assumi o emprego, telefonei para Iberê e disse: “Olha, Iberê, o negócio é o seguinte: eu sou diretor técnico dos Cem Bibliófilos do Brasil. Eu é que vou lidar com a feitura e com a técnica da gravura dos [livros dos] bibliófilos. Sei que você está tendo uns problemas de ordem técnica porque você veio da Europa há pouco tempo e trouxe uma forma de gravar chamada vernis mou, verniz mole, e não está conseguindo estampar. Eu também não tenho experiência em estampar vernis mou. Então eu vou trabalhar e vamos lutar para fazer o primeiro livro em vernis mou dos bibliófilos”. Resumindo história: Iberê se tornou o meu maior amigo, porque nós mudamos e conseguimos fazer um livro com uma técnica desconhecida

no Brasil. A última vez que vi Iberê ele estava a questão de um mês ou dois meses de morrer; fui muito amigo da mulher, essa coisa toda, nunca deixei de ser amigo dele. E respeitei ele, considero ele talvez o maior pintor do século vinte, brasileiro. Ele era fabulosamente técnico - técnico e o sentimento muito grande.”



Arquivo de Oto Reifschneider

Folha de Rosto
Publicação da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil

Iberê nunca soube que Darel fora eleito para a função de diretor técnico com o propósito de dispensá-lo. Perguntado sobre Portinari, Darel conta que, certa vez, ao fazer a mesma pergunta a Di Cavalcanti, a resposta obtida foi singela: “respeitemos os mortos”. Darel, perguntado sobre a arte de Portinari, louvou-lhe

o caráter e deu-me a anedota como resposta: “eu me permito dizer a mesma coisa que Di Cavalcanti disse”.

Darel tem opiniões fortes e não tem medo de expô-las. O “renomado artista e vital colaborador da Sociedade”⁴, em retrospectiva, revela que seus sentimentos sobre a colaboração com Castro Maya são contraditórios:

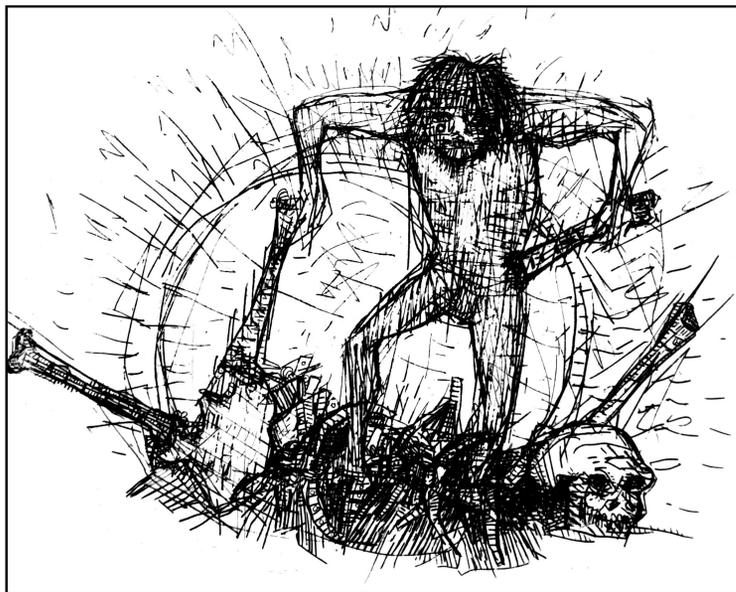
⁴ (Castro Maya bibliófilo, 2002, p. 48)

A Gráfica de Artes foi uma das maiores sacanagens que Raimundo de Castro Maya fez – faço questão que ponha em seu texto. Raimundo de Castro Maya excluiu o meu nome de 16 livros que eu fiz, dei orientação técnica. Ele não me queria como empregado, ele tinha que me pagar carteira assinada, os deveres sociais. E eu tive a honra de fazer 16 livros que são a alma minha. Saiu um livro onde o depoimento diz: “Raimundo foi a alma, Darel foi o corpo”⁵.

Ele me enrolava, me levava pra casa... ele me fazia crer que era colega dele.

Castro Maya se aproveitou de mim, me tirou da justificção de tiragem, mas fala nos dois estampadores. Os dois estampadores eram pessoas que eu pegava na rua, desempregados, e ensinava a fazer estampa. Fiz deles estampadores. Esses aí, o Castro Maya botava o nome deles, mas não dizia que eu tinha feito projeto, senão ele teria que assinar minha carteira, pagar INPS! Se fazia de amigo meu. Os dois operários ele botava, você lendo, nos livros dos Bibliófilos, você lê o nome dos dois. Ensinar a fazer estampa... não precisa ser artista. Fui eu que ensinei eles a fazerem estampa. [...] O estampador de litografia não precisa ser artista, precisa ser um homem forte, e que possa passar um rolo numa pedra, e o artista orienta, porque na Europa eu vi isso.

⁵ “E se Raymundo foi a alma da Sociedade, Darel durante muito tempo lhe foi o corpo.” (Castro Maya bibliófilo, 2002, p. 52)



Acervo de Oto Reifschneider

"O Curupira e o Infeliz" - Ilustração de Darel para a publicação *Poranduba Amazonense*

Darel se apazigua ao declarar que, no livro *Castro Maya bibliófilo*, sua importância foi registrada. Aliás, o artista chegou mesmo a fazer uma digigrafia para a tiragem especial do volume, que teve 100 exemplares da edição especial. Apesar das duras palavras, ele não deixa de reconhecer que foi Castro Maya quem o colocou naquela posição privilegiada. Mesmo que seu trabalho não tenha sido devidamente remunerado, o artista terá sempre o reconhecimento pelo trabalho que na Sociedade exerceu:

O bibliófilo recorria a Darel quanto a pedidos de sugestão de nomes de artistas para ilustração dos livros. Na verdade, Darel fazia as propostas e escolhia os artistas ilustradores. Orientava a edição, cabendo-lhe escolher a tipografia, programar as páginas e abrir as matrizes para os artistas que não sabiam gravar, como Djanira, Di Cavalcanti e Portinari.⁶

⁶ (*Castro Maya bibliófilo*, 2002, p. 55). Aqui cabe um aparte, pois este "não sabiam gravar" parece um tanto forte, já que é possível encontrar gravuras em metal dos anos 1940 tanto de Di Cavalcanti, quanto de Portinari. Com certeza, no entan-



Darel Valença Lins

Acervo de Oto Reifschneider

Após seu trabalho nos Bibliófilos e com o fim de sua fase de cidades e máquinas, Darel se concentra, em meados dos 70, na forma feminina. Suas figurações mais ou menos explícitas, mas de uma sensualidade sempre

latente, foram controversas, causando rebulição à época, sendo discutidas na imprensa. É nessa fase, com um conjunto de ilustrações feito para a revista Playboy, que recebe a premiação pelo melhor conjunto de ilustrações durante o “7º Prêmio Abril de Jornalismo” de 1982. Seu último trabalho de ilustração para livro de arte foi para uma edição especial de “A Polaquinha”, único romance de Dalton Trevisan, publicada em 2002 pela Confraria dos Bibliófilos do Brasil, de Brasília.

to, eles não tinham o domínio da arte, a proficiência na técnica, que Darel tinha.

LIVROS ILUSTRADOS POR DAREL⁷

SILVEIRA, Joel. **Desaparecimento da aurora**. In: Revista Branca, s/d. 154 p.

– Ilustrações. Capa de Orval. Publicação de meados dos anos 1950.

CLAUDIA, Maria. **Asas prenes**. [s.n.].

– Edição de 150 exemplares com 30 poemas da autora e 5 serigrafias de Darel. Apresentação de Rubem Braga.

BORBA FILHO, Hermilo. **Auto da mula de padre**. Recife: Departamento de Documentação e Cultura Prefeitura Municipal do Recife, 1948.

MACHADO, Aníbal. **ABC das catástrofes**. Edições Hipocampo, 1951.

ROSA, João Guimarães. **Com o vaqueiro Mariano**. Edições Hipocampo, 1952.

– Edição de 116 exemplares, este é o décimo primeiro livro das Edições Hipocampo; gravura em água-forte.

SCHMIDT, Augusto Frederico. **Os Reis**. Gráfica das Artes, 1953. 29p.

– Edição de 100 exemplares, com zincogravuras de Darel, coloridas à mão.

VICTOR, Leo. **O Prêmio**. Monólogo em 1 ato. Aurora, [1953]. 78 páginas.

– Capa e ilustrações.

⁷ Quando possível, os livros foram consultados. Nem todos foram encontrados nas bibliotecas pesquisadas e parte das informações foram retiradas de catálogos, podendo haver algum engano. Para estabelecer com segurança as datas, apenas uma demorada pesquisa em periódicos.

LONDON, Jack. **As Melhores Histórias de Jack London**. Tradução Lygia Autran Rodrigues Pereira. In: Revista Branca. 1953. 225p.

– Ilustrações

ALMEIDA, Manoel Antonio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Cem Bibliófilos do Brasil, 1954. 319 p.

– Edição n.8. Ilustrado com águas-fortes originais.

DAMATA, Gasparino. **Caminhos da danação**. 1955. 96p.

– Tiragem de 300 exemplares.

MENEZES, Berredo de. **Catedral dos vácuos**. MEC, 1955. (Coleção “Os Novos”).

VICTOR, Leo. **Círculo de giz**. Aurora, 1956. 230p.

SALES, Herberto. **Cascalho**. Cruzeiro, 1956. 3. ed. 418p.

– Capa e ilustrações. Prefácio de Sergio Milliet.

PEREIRA, Armindo. **Flagelo**. Cruzeiro, 1957. 2. ed. 231 p.

– Ilustrações.

CASTRO, Josué de. **Documentário do Nordeste**. Brasiliense, 1957. 213 p.

– Ilustrações.

RAMOS, Ricardo. **Terno de Reis**. J. Olympio, 1957. 273 p.

– Capa e ilustrações.

OBRAS completas e ilustradas de F. M. Dostoiévski. / VIII, **Noites brancas e outras histórias**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1960, 513p.

– Além de Darel, os números e sucessivas edições das obras de Dostoiévski, editadas por José Olympio, foram ilustrados também por Goeldi, Leskoschek, Lívio Abramo, Marcelo Grassmann e Santa Rosa, entre outros.

COELHO NETO. **O Pároco de Natal**. Gráfica de Artes, 1961.

– Tiragem de 150 exemplares, gravuras em metal. Editado por Castro Maya para distribuir no final do ano, lê-se na primeira página impressa: “Feliz Natal e Próspero Ano Novo – Raymundo de Castro Maya”.

RODRIGUES, João Barbosa. **Poranduba Amazonense**. Cem Bibliófilos do Brasil, 1961. 57p.

– Edição de 116 exemplares.

ASFORA, Permínio. **O Amigo Lourenço**. J. Olympio, 1962. 241 p.

– Capa.

FUSCO, Rosário. **Dia do juízo**. J. Olympio, 1962. 278 p.

– Capa.

SILVA, Lília A. Pereira da. **Serenata do abismo**. Edições Alarico, 1963. 141 p.

– Um dos ilustradores.

– Os outros ilustradores da obra são Marina Caram, Oswald de Andrade, Euridyce, Marcelo Grassmann, Tereza d’Amico, Raymundo de Oliveira, Silvio Jaguaribe Ekman, Clovis Graciano, Paolo Maranca, Flávio de Carvalho e Mariane Peretti.

RAWET, Samuel. **Diálogo**. Edições GRD, 1963. 115 p.

– Capa e ilustrações.

FARIA, Octavio de. **Ângela, ou as areias do mundo - O anjo de pedra II**. 1963. 390p.

– Capa de Darel

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Martins, 1969. 248 p.

– Ilustrações.

– Algumas edições posteriores.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **O Marginal Clorindo Gato**. Avenir, 1978 (Coleção depoimentos .2). 54p.
– Ilustrações (capa de Niemeyer).

BANDEIRA, Manuel. **Alumbramentos**. Edições Alumbra-
mento, 1979.

– Ilustrado também por Aldemir Martins, Marcelo Grass-
mann e Enrico Bianco. Os primeiros 100 exemplares acompanham
uma gravura original de cada um dos artistas. No caso de Darel,
uma gravura em metal.

MORAES, Vinícius de. **Não mais que de repente**. Gru-
po Boston, 1980.

– Grande formato (38 cm x 51 cm), edição de 1000 exempla-
res. Pranchas de Martins, Carlos Leão, Darel Valença Lins, Luis
Gregório Correia e Newton Mesquita.

BARAÇAL, Anaildo Bernardo; BANDEIRA, Julio;
MOUTINHO, Stella. **Castro Maya bibliófilo**. 121p.

– Textos em português e inglês. Colaboraram também José
Mindlin e Rachel Jardim. Foi feita uma tiragem especial de 100
exemplares, acompanhados de um giclée original assinado por Da-
rel. A tiragem total foi de 1300 exemplares.

TREVISAN, Dalton. **A Polaquinha**. Brasília: Confraria
dos Bibliófilos do Brasil, 2002.

– Tiragem regular de 251 exemplares, livro foi executado todo
em serigrafia.

ÁLBUNS DE GRAVURAS

VICTOR, Leo. **Círculo de giz**. Gravura edições de arte.
[s.l].

– Tiragem de 110 exemplares. 10 litografias assinadas e numeradas.

5 Gravuras de Darel. Mirante das Artes. São Paulo, 1967. Prefácio de Vinicius de Moraes.

– Tiragem de 50 exemplares. Álbum de folhas soltas em capa de couro lavrado. Álbum com cinco gravuras em água-forte e água-tinta, edição de 50 exemplares em papel Rêves. Em parte da tiragem estão incluídas mais 5 provas de artista, numeradas e assinadas pelo autor.

Gravuras de Darel. Texto de Clarice Lispector. Julio Pacello. São Paulo, 1968.

– Portfolio de 12 gravuras, tiragem de 126 exemplares. Perguntado sobre Pacello, Darel dá um breve depoimento: *Ele era um sujeito filho de um diplomata e fez aqueles livros com a intenção de deixar o nome dele, fazendo algo importante em arte. Filho de uma família boa argentina, morreu na Argentina, açúcar no sangue, morreu jovem. Tinha a intenção de deixar o nome dele, e ele consegue (...).*

Gio gravadores brasileiros.

– Edição de 60 exemplares. Pranchas de Darel Valença Lins, Djanira, Edith Behring, Eduardo Sued, Fayga Ostrower, Geza Heller, Iberê Camargo, Marília Rodrigues, Milton da Costa, Orlando da Silva. “Edição comemorativa do XX Aniversário da Escolinha de Arte do Brasil, 1948-1968.”

História da gravura no Brasil. São Paulo: Editora Cesar, 1968. v.I.

– Álbum com gravuras de Babinski, Edith Behring, Darel, Djanira, Goeldi, Marcello Grassmann, Mário Gruber, Evandro Carlos Jardim, Trindade Leal e xilogravuras populares. Texto de José Roberto Teixeira Leite e poema de Walmir Ayala. Editado por Julio Pacello

(Sem título). Rio de Janeiro. Gravura de Arte Editora, 1966.

– Gravuras de De Lamonica, Darel, Rossini Perez, Anna Letycia, Modesto Brocos, Gilvan Samico, José de Assumpção de Souza, Marcello Grassmann. Textos de Vera Pacheco Jordão, Mário

Barata, Orlando da Silva, Mark Berkowitz, José Roberto Teixeira Leite, Flávio de Aquino, Harry Laus, Antônio Bento.

CATÁLOGOS E TEXTOS SOBRE DAREL (SELEÇÃO)

MUSEU de Arte Moderna do Rio de Janeiro. **Darel: Série de estudos dos painéis executados para o Palácio dos Arcos, em Brasília, 1968/69, 12 de março a 12 de abril de 1969.** Rio de Janeiro: Atelier de Arte de Marcelino Goulart, 1969.

– Com trechos de depoimentos de Anibal Machado, Lúcio Cardoso, Mario Pedrosa, Clarival do Prado Valladares e Vinicius de Moraes.

AYALA, Walmir. **A Criação plástica em questão.** Petrópolis: Vozes, 1970. (Coleção Temas de Arte, 1).

– Resumos biográficos retirados do livro: Dicionário das artes plásticas no Brasil, de Roberto Pontual.

LINS, Darel Valença; SUED, Eduardo; CAMARGO, Iberê; ARAÚJO, Octavio. **Gravura.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

– Introdução e biografias dos artistas estão disponíveis também em inglês, em caderno solto/inserido. Introdução de Antônio Houaiss. Os cem primeiros exemplares foram assinados pelos quatro gravuristas. Com 8 reproduções de obras de Darel.

BERKOWITZ, Marc. **28 artistas del Brasil.** Rio de Janeiro: [s.n.], 1974

Darel Valença Lins: pinturas e desenhos recentes (junho/julho 85). São Paulo: Galeria Alberto Bonfiglioli, 1985. 16 p.

– Catálogo de exibição.

MORAES, Vinícius de. **Darel e seus mitos**. In: Revista do Brasil. v.2, n.4. Secretaria da Ciência e da Cultura, 1985. 148p.

– Reprodução do texto de 1967, que já havia sido editado no álbum de gravuras editado pelo Mirante das Artes, sem, no entanto, o mencionar.

Pioneiros (Axl Leskoschek, Oswaldo Goeldi, Lívio Abramo) e **Discípulos** (Fayga Ostrower, Darel Valença Lins, Renina Katz, Maria Bonomi). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1988.

– Catálogo de exposição.

AGUILAR, Nelson (org.). **Bienal Brasil Século XX**: catálogo. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1994.

– Apresentação Edegar Cid Ferreira; texto José Roberto Teixeira Leite, Annateresa Fabris, Tadeu Chiarelli, Maria Alice Milliet, Walter Zanini, Agnaldo Farias.

FERREIRA, Heloísa Pires. **Gravura brasileira hoje - depoimentos**. SESC, 1996. v.2. 193 p.

5 from Brazil. Boca Raton Center for the Arts. 11p.

– Catálogo de exibição (de 5 a 28 de fevereiro de 1980).

Darel de corpo inteiro (pinturas / gravuras / desenhos). Caixa Cultural/Artepadilla, 2010. 128p.

–Catálogo de exposição, com depoimentos de Darel, Sergio Pizoli (curador) e textos aproveitados de outras publicações.

Leitura de exercícios de utopia

Reading of utopia exercises

*Linhares Filho*¹

Sem abdicar do estilo que o individualiza, o poeta, nesse livro, atinge sempre o inusitado, responsável pela poeticidade. Motivos de outros livros seus recriam-se. A utopia poética da evasão remedeia o pessimismo realista da maturidade.

Without abandoning the style that differentiates him, in this book, the poet, always reaches the unusual, responsible for the poetic nature. Reasons for some of his other books are recreated. The poetic of evasion remedies the realistic pessimism of maturity.

Palavras essenciais as dos poemas do livro *Exercícios de utopia*², do poeta Francisco Carvalho, palavras que nos levam à contemplação do Mistério. Penetram, com sua verdade, a vida. Criam com a força do verdadeiro, porque redimensionam e fazem transcender o dia a dia.

Os versos desse livro retratam o existencial com a sabedoria dos que amadureceram e já não se enganam com a vida, mas, ao mesmo tempo, se encantaram com a beleza do poético. Os poemas conduzem o leitor, mediante as sugestões e a imagística inusitada, a participar das propostas de arte que se formulam. São de legítima beleza,

¹ Poeta e ensaísta crítico. Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Membro da Academia Cearense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Sócio da Associação Internacional de Lusitanistas e da Associação Brasileira de Literatura Comparada.

² CARVALHO, Francisco. *Exercícios de utopia*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

nos quais o poeta mais uma vez se renova, sem abdicar do estilo marcante que permanece, individualizando-o. A inovação que mais salta aos olhos é o uso de números substituindo títulos, o que pode fazer do livro um longo e único poema como observa o prefaciador Gilberto Mendonça Teles.

Admira-se, na nova coletânea de poemas de Francisco Carvalho, entre outras virtudes, a variedade de assuntos e temas versados. Registrem-se, por exemplo, os vários metapoemas como “A poesia está” – 38 e “A palavra é uma dança de serpente” – 67.

Vejam-se os poemas de timbre social como “Teu corpo desidratado” – 69. Aí encontra-se a hipérbole a serviço da denúncia social e/ou da tragicidade humana, recurso esse que se conecta com uns laivos de humor negro: “Corpo com tal leveza / no conteúdo e na forma / corpo com tal urgência / de coisa que se evapora. / A bem da verdade / não precisa de cova.”

Aprecia-se no poema – 74, “Ninguém para decifrar o léxico dos bêbados” – o lamento pelo anonimato de muita coisa que deveria ser valorizada como as ações poéticas, social e missionária.

Destaca-se o poema “Sou um campo de centeio” – 97. Belo pelos conceitos que excelsam em sua subjetividade metafórica, no seu clima equilibrado entre uma visão romântica e uma visão realista, construindo-se uma tensão de alto alcance poético:

“Sou o que lavou as nódoas de sangue
das últimas palavras do suicida.
Sou o que leu o bilhete do suicida
e suas cartas de amor para as namoradas.”

Descrição erótica do ser de uma mulher é o poema “Tuas coxas são dois cedros” – 98. Mulher singular essa, digna dos sugestivos e expressivos recursos que a descrevem. A última estrofe mostra a insaciabilidade do amor provocado pelo ser que aí se focaliza: “Quem te possui se converte / num deus que morre de sede / fitando a água de perto.”

No livro em estima de Francisco Carvalho tanto há conceitos de finura subjetiva, como em “Todos os caminhos começam / e acabam na infância” – 137, quanto descrições de alta criatividade subjetiva, como em “A tarde feita de areia e espuma” – 139.

O trem, que em outras partes da obra do poeta é cantado, no presente livro comparece em pelo menos três poemas: o 29, o 45 e o 140, mas no primeiro é que se leem estes versos de primorosa delicadeza lírica: “Se eu fosse o trem, / ó minha amada, / te levaria / para uma estrela / onde o poema / não se extravai.”

Não é a primeira vez que o autor, em sua obra, se interessa pela cadeira, exercendo a habilidade de memorialista. No livro em causa volta a esse motivo, conceituando-o em belos, sonoros e significantes versos como na estrofe do poema 84: “Cadeira sem rosto / e sem simetria. / O vento te embala / mas é a eternidade / que te acaricia.” No nível desse texto, em que o poeta transfigura um motivo memorialista, generalizando o seu sentido, está o poema 19 sobre a casa, que é um dos signos recorrentes da obra de Carvalho, e apraz-me citar desse poema a última estrofe, com cujos sentimentos muito me identifico: “A casa esconde os seus / fantasmas. Menos os passos / que sobem e descem / as escadas do sótão.”

De um modo geral, no presente livro, o realismo, mais que isso, o pessimismo campeia, exacerbando-se em alguns pontos como nos poemas 106, 102 (“Viver é como tomar / um porre de absinto”) e 173. Neste, apresenta-se a inutilidade do buscar a felicidade. As repetidas mudanças focadas pelo poema em anáforas acabam, em cada estrofe, com a epífora desenganadora: “porém muda em vão”. Mais do que social, é existencial o tema desse bem construído poema, que, naturalmente, sofre a influência da subjetividade do poeta na escolha dos vários pontos de mudanças observados.

Seguindo na mesma esteira de atitude impregnada de desilusão, mas estruturados com uma dicção ontológica de conceitos metafóricos, inscrevem-se poemas como os de nº 152, 96 e 97. Lê-se, por exemplo, no primeiro desses poemas, finalizando-o: “Sou a sombra decepada / pelas vogais do epitáfio. // Sou a sombra na janela / de um solar que nunca houve.” Veja-se aí o recurso mallarmeano da “presença da ausência”. Além disso, há nesse poema, como em outros, aspectos de ilogismo criativo (“Sou o rascunho dum pássaro / degolado pela sombra”) bem como transfiguração do científico (“Sou o espectro da água / de volta ao ventre da bolha. // Sou a sombra dos raios / gama trespassados na esfera”).

De timbre ontológico, conceitual e de valor metafórico é o poema “Sou a tua perna” – 91. No entanto, nesse texto o pessimismo das peças anteriores não comparece; pelo contrário, há uma simpatia, uma identificação algo otimista e remediadora com a perna, como nestes versos: “Sou tua perna dinâmica / tua perna mecânica / tua perna botânica / tua perna satânica. / Sou tua perna de aluguel. / Danço o amor e a morte / ao som do Bolero de Ravel.”

Não se pode esquecer, na valorização estilística da obra de Francisco Carvalho, o característico recurso da repetição expressiva, utilizado com dois principais objetivos: a ênfase e o ritmo.

Aparentemente pessimista a poesia que se nos depara, na essência afina-se com o sentido do adjunto adnominal do título, que Gilberto Mendonça Teles faz equivaler, no prefácio, a uma eutopia. O recorrer do poeta ao cantar, apanágio da poesia (e “quem canta seus males espanta”), significa aderir a remediar a dor pela suprarrealidade, pela evasão. Assim, Francisco Carvalho, mais uma vez, dentro da circunspeção do pessimismo realista, glorifica latentemente o espírito do poético, sendo fiel, na essência de sua mensagem, à utopia a que todo poeta deve recorrer. Só que é no mais elevado estilo que o poeta em apreço desenvolve esse processo, brindando os seus leitores com um livro à altura da obra com que vem engrandecendo a literatura brasileira.

A volta do parafuso (Henry James)

The turn of the screw (Henry James)

Regina Pamplona Fiúza¹

A volta do parafuso - *The turn of the screw* - reflete a teoria de Henry James sobre a narrativa fantástica. A atmosfera do medo é criada pela presença do real ao lado do irreal. O autor agregou à narrativa fantástica uma série de profundos estudos sobre as diversas modalidades da angústia humana e sobre a capacidade que os homens têm de inventar seus próprios fantasmas.

The turn of the screw reflects Henry James' theory about the fantastic narrative. The atmosphere of fear is created by the presence of the real along with the unreal. The author added to the fantastic narrative a series of profound studies on the various forms of human anguish, and the capacity that men have to create their own ghosts.

A volta do parafuso - *The turn of the screw* - reflete a teoria de James sobre a narrativa fantástica. Segundo ele, o pavor e o mistério não dependem de crimes, cadáveres ou monstros que caminham pela madrugada. A atmosfera do medo é criada pela presença do real ao lado do irreal. O autor agregou à narrativa fantástica uma série de profundos estudos sobre as diversas modalidades da angústia humana e sobre a capacidade que os homens têm de inventar seus próprios fantasmas.

¹Regina Pamplona Fiúza é Mestre em Letras Vernáculas e Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pertence à Sociedade Amigas do Livro, à Academia Fortalezense de Letras e à Associação Brasileira de Bibliófilos.

Para James, os fantasmas, se existem, caminham à luz do dia. O homem, esse ser angustiado, tem imensa capacidade de temer a si próprio criando, em sua fantasia, as coisas que o apavoram.

O crítico Leon Edel achava que as incursões de Henry James pelo fantástico foram motivadas pelas experiências psíquicas de seu pai e pelo interesse de seu irmão, o filósofo e psicólogo William James, por esses fenômenos.

Foi somente no fim do século XIX, época de grande interesse pelo hipnotismo, que James fez algumas experiências com a narrativa fantástica. A mais importante foi *A volta do parafuso* (1898) onde se juntam o tema da juventude atormentada e o elemento fantástico. Foi também sua obra mais discutida, pelo fato de que a história foi elaborada de tal maneira que cada leitor pode dar a sua interpretação.

Ele mesmo declarou que procurou a ambiguidade para que cada um pudesse imaginar seu próprio horror. A essa situação indefinida James deu o nome de *armadilha para encantos*.

Em *A volta do parafuso*, Henry James nos oferece duas alternativas, dois tipos de leitura, a dos que acreditam e a dos que não acreditam em fantasmas. Além disso, a ambiguidade da obra dificulta uma tomada de posição. Teremos, portanto, que optar pela interpretação que nos parece mais lógica, mais real.

Virginia Woolf, em um ensaio sobre James, reforça esta teoria de que os fantasmas dele não têm nada em comum com os violentos fantasmas de antigamente. Os fantasmas de James, segundo ela, têm sua origem dentro de nós.

Essa teoria nos serve então de ponto de partida. Em primeiro lugar, colocamos em questão a saúde mental da

narradora, uma jovem de vinte anos, filha de um pastor rural, que decidiu deixar sua pequena cidade em Hampshire e seguir para Londres, como preceptora.

O romance se inicia com um homem chamado Douglas se propondo a contar uma história de horror e sofrimento, que lhe fora escrita por uma amiga, antes de morrer, na qual ela conta o que acontecera enquanto estivera como preceptora dos sobrinhos de um senhor que vivia em Harley Street. Douglas começa, então, a ler a narrativa de sua amiga, mas antes dá algumas explicações sobre o primeiro encontro da moça com seu patrão e sobre a casa onde ela iria morar, em Bly.

O patrão era um perfeito cavalheiro, um celibatário ainda jovem, o tipo do homem que uma tímida moça recém-saída de *presbitério* jamais teria podido conhecer, a não ser em sonho. Era bonito, voluntarioso e encantador. Seus modos requintados lhe causaram profunda impressão. Mas o que mais despertou sua atração foi a situação difícil que ele lhe apresentou. Após a morte da cunhada e depois do irmão, ele ficara sendo tutor dos sobrinhos: uma menina e um menino. Para ele, solteiro e sem a mínima experiência com crianças, o fato se constituía num tremendo transtorno. Ele enviara os sobrinhos para a velha residência da família, em Bly, onde ficaram sob a responsabilidade de uma excelente criatura, a senhora Grose, antiga camareira de sua mãe.

A jovem preceptora teria então o comando da casa, além da incumbência de educar a pequena Flora e, durante as férias, também o menino Miles, que estudava interno em um colégio. Convém salientar que, antes dela, eles haviam tido outra preceptora que falecera subitamente. O patrão, no entanto, avisara à nova preceptora que não

admitia que lhe trouxessem quaisquer problemas e que jamais queria ser incomodado.

Em seguida acontecem coisas esquisitas, como a aparição dos fantasmas da antiga governanta e do ex-jardineiro, que a moça julga exercerem uma estranha força sobre as crianças.

A narradora põe em dúvida a veracidade dos fatos e sua posição como narradora coincide com a da personagem. Em vários momentos ela tece comentários, mas sempre solidária com a personagem. Não há discrepância entre as duas posições. O tom que caracteriza seus diálogos com as demais personagens não se altera quando temos a preceptora não mais como personagem, mas como narradora dos fatos. E ao recordar esses fatos, e descrevê-los, ela é possuída de emoções quase tão fortes quanto aquelas sentidas na própria ocasião, mas procura não prejudicar o seu relato, dando ao leitor uma ideia falsa do que realmente viveu.

Ela tem consciência e algumas vezes menciona os aspectos fantasiosos e obsessivos de sua personalidade. Mas essa sua consciência não é total, há momentos nos quais sentimos um perfeito clima de fantasia, sem que a narradora faça qualquer comentário a respeito.

Às vezes, perde a identidade de jovem pobre de uma cidadezinha, ou de preceptora, e sente uma sensação de domínio daquele lugar e daquela casa, e de orgulho por fazer o seu trabalho, empenhando-se em cumpri-lo com perfeição. Esse orgulho nasceu do fato do tutor confiar nela, pobre moça do interior. O prazer de fazer bem feito, superior a qualquer outra preceptora anterior, estava acima de tudo, pois o que importava era agradar o tutor, um homem fino, elegante, rico e de outra classe social. Seu

orgulho tomou proporções exageradas devido a sua tendência a fantasias.

Existem algumas características na personalidade da preceptora que talvez nos esclareçam muita coisa. Em primeiro lugar, convém mencionar sua tendência a mudanças bruscas de estado de espírito, o que põe em dúvida a sua sanidade mental, e talvez por um transtorno bipolar, ao chegar à mansão, já sofria de insônia e inquietação à noite, imaginando uma porção de coisas e tendo alucinações, presságios e tonturas.

Com a continuação, cada vez mais, ela sente que tem um dever a cumprir. O tutor desejava uma preceptora que não o incomodasse e isso foi tomado como uma enorme responsabilidade. Proteger as crianças tornou-se, então, uma verdadeira obsessão. A salvação daquelas inocentes crianças desamparadas dependia dela.

Sua primeira visão acontece quando se encontra submersa em seu mundo imaginário e sente necessidade de ver uma pessoa que valorizasse o seu trabalho, que fosse testemunha dele. Essa pessoa seria talvez o tutor, seu patrão, que tão forte impressão havia deixado nela.

Daí em diante, sua vida torna-se infernal, ela vai aumentando esse clima e quer estender aos outros as suas visões. Com sua personalidade forte e obsessiva fica fácil incutir suas alucinações e seus temores nas crianças e especialmente, na senhora Grose, que a respeitava muito.

As crianças, segundo a preceptora, têm visões e não contam a ela, tornando-se, dessa maneira, suas adversárias. Ela é complexa e contraditória, beija e agrada as crianças, mas as toma como inimigas. É uma luta interior.

Às vezes, acusa a senhora Grose de não perceber as coisas, e se considera superior. Ela vê mais que os outros, talvez tenha uma volta a mais no parafuso.

À medida que sente pavor pela figura dos antigos empregados, surge uma atração pelas visões. Talvez tenha havido uma condensação das figuras do patrão e do ex-empregado, Peter, que inclusive usa as roupas do patrão. Essa confusão, talvez seja a vontade de misturar os dois para criar um homem que não precisasse se curvar para amá-la, que estivesse nas mesmas condições sociais. O fato de ela ter feito uma descrição de Peter, sem nunca o ter visto, é um ponto de ambiguidade da obra.

Outra abordagem está na possibilidade da preceptora ser um caso de neurose, e embora não querendo ir longe demais, vale citar alguns fatos que sustentam essa posição. Em primeiro lugar, Peter aparece na torre e a senhorita Jessel no lago, talvez tenha na simbologia *torre & lago*, uma sugestão de erotismo. A fusão das imagens *tutor & criado* talvez se explique pelo fato de ela admirar o patrão e ouvir dizer que o criado era um conquistador de mulheres. Seria a vontade de ser conquistada pelo patrão?

Outro ponto básico para esta abordagem é a transferência de afeição para o menino Miles. Cenas de ternura angustiam a criança, tornando-a ansiosa. Essa fantasia da preceptora, de teor erótico, sufoca Miles. Ela chega inclusive a compará-los com um casal em viagem de núpcias.

Henry James não colocou esse romance no volume de histórias de bruxas, mas junto com outros livros, inclusive com um que conta a história de uma mentirosa. Terá isso alguma significação?

A Volta do Parafuso se situa na fase do realismo mágico de James. As crianças são vítimas inocentes das pes-

soas neuróticas. O autor brinca com os fatos e há momentos nos quais os fatos fazem crer ao leitor que as outras personagens também têm as visões, mas, na maioria das vezes, nos leva a acreditar que a angústia das crianças é provocada pela neurose da preceptora. O autor está implícito, mas não comprometido, faz o jogo da história.

Conta-se que James escreveu esse livro para ganhar dinheiro, e o que parecia ser um romance sem importância, tornou-se um grande sucesso, sendo transformado em ópera, filme e peça teatral.

Martelo

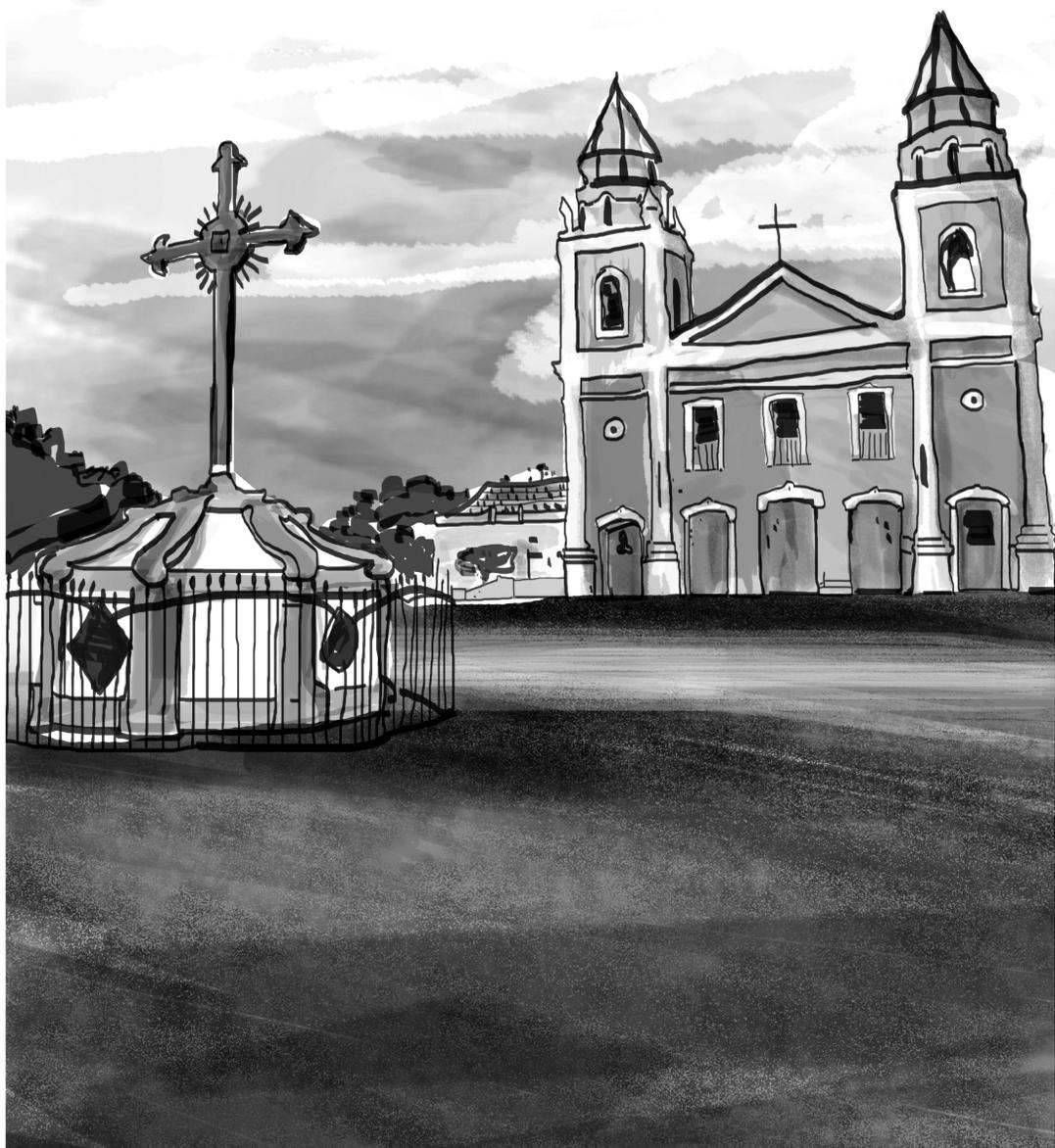
Hammer

Virgílio Maia¹

*Arte de Napoleão Torquato Maia

¹ Advogado militante e poeta. É membro da Academia Cearense de Letras e da Academia Limoeirense de Letras.

FLAMEJA O ARREBOL EM LIMOEIRO
CAIANDO DE TOPÁZIO A CATEDRAL
CHEGA UM TEMPO DE CHUVA MAS POR AL
SE DETÉM CÉU DE CHUMBO EM NEVOEIRO
AVULTAM SOBANCEIRAS NO CRUZEIRO
ASAS DE FÉ CRUZADAS SOBRE O DIA
AQUELOUTRAS MENORES SÃO MARIA
EM PETIÇÃO DE AMOR E PLENA PAZ
ENTRE TEMPLO E MADEIRO HÁ UMA FUGAZ
VISÃO DO CASARÃO DA ACADEMIA



*A Leitura é o caminho mais curto
para conhecer
o mundo.*

ORGANIZAÇÃO EDUCACIONAL

**FB FARIAS
BRITO**

Lições para toda a vida.

O texto foi composto em Adobe Jenson Pro 14/17, títulos em Poetica Std, impresso em papel pólem, na Expressão Gráfica e Editora, em Fortaleza no mês de agosto de 2012